

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA – CLÍNICA DA
CULTURA

PEDRO LÚCIO MONTEIRO DE MATTOS

TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM E PSICOLOGIA DOS GRUPOS HUMANOS:
intersecções entre *1984* & Redes Sociais Digitais.

SÃO PAULO
2014

PEDRO LÚCIO MONTEIRO DE MATTOS

**TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM E PSICOLOGIA DOS GRUPOS HUMANOS:
intersecções entre *1984* & Redes Sociais Digitais.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura – COGEAE PUC-SP, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica. Área de concentração: Comunicação e Semiótica.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Cesar Montoto.

SÃO PAULO
2014

PEDRO LÚCIO MONTEIRO DE MATTOS

TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM E OS GRUPOS HUMANOS:

intersecções entre 1984 & Redes Sociais Digitais.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura – COGEAE PUC-SP, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica, pela seguinte Banca Examinadora:

Aprovado em / /

Professor Doutor Claudio Cesar Montoto
Orientador – Curso Especialização Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

Professor (a)

Professor (a)

OBS.:

DEDICATÓRIA

À minha avó “Milu”, hoje mais viva e presente em minha memória. Por seu carinho e dedicação incondicionais.

A meus pais, irmãos, e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, e amigos autênticos por acreditarem, mais do que eu, em minha capacidade. Pelo apoio, em todas as direções, para mais um importante passo de minha caminhada.

À colega Thaissa, pela amizade carinhosa, bem-humorada. Pelo auxílio e atenção sobre meus anseios em relação à realização desta pesquisa.

Ao professor Claudio Cesar Montoto, exemplo de excelência e sabedoria, pelas aulas primorosas e principalmente provocativas, que tanto me instigaram a buscar mais conhecimento. Pela orientação atenciosa e cuidadosa.

“O homem não vive simplesmente entre objetos e ações, mas entre objetos e ações dotados de significado”.

(Jonathan Culler)

RESUMO

Este trabalho propõe-se a demonstrar e avaliar as algumas das afinidades existentes entre as redes sociais virtuais Facebook e Twitter e o livro *1984*. O romance, escrito por George Orwell, figura dentre as principais obras literárias mundialmente conhecidas, especialmente pelo reconhecido teor político, e numerosas provocações sociais. A pesquisa realiza-se a partir da escolha de dois pontos de comparação: o estabelecimento de grupos de pessoas em função de um líder ou ideal, e o uso da língua feito pelos indivíduos. Na narrativa de Orwell, os ocupantes do poder elaboram/criam um sistema linguístico chamado Novafala. O novo idioma, que tem por base a língua original, pretende suplantá-la por completo, e consiste fundamentalmente na destruição da maioria dos termos e na concentração de sentidos em novos signos verbais. Além do aniquilamento do antigo idioma, a Novafala tem por função a diminuição de palavras disponíveis, encurtando a capacidade comunicativa das pessoas, e com isso impedir a formação/aparecimento de qualquer pensamento contrário ao estado dominação e controle no qual a sociedade está inserida. Por outro lado, nas Redes Sociais Digitais a linguagem beneficia-se das possibilidades de expressão trazidas pela Internet. Signos verbais surgem pautados pela necessidade de expressão dos usuários, pelo anseio de se fazerem entender e sentirem-se pertencentes aos grupos formados dentro das redes. A reflexão tem por objetivo o diálogo entre a realidade proposta na ficção orwelliana e a vivenciada pelos usuários dos sites em questão. Para tanto, recorre aos estudos de Saussure e Jakobson, no que se refere ao conceito de signo e à dinâmica da construção de palavras e expressões, por meio das relações de associação e justaposição. Verificam-se, na estrutura da Novafala e no uso das *hashtags* e do termo "Curtir" no interior das Redes, alguns dos diferentes fatores aos quais a linguagem verbal pode se sujeitar. A discussão prossegue e se estende ao funcionamento das Redes Sociais Digitais e da formação de grupos – sob a operação do conceito freudiano da identificação. Empreende-se um exame dos recursos oferecidos por esses sites de relacionamento social, “lugares” virtuais que incorporam o sentimento humano de pertencimento – e patrocinam o aparecimento de grupos baseados em ideais, marcas, indivíduos ou basicamente gostos compartilhados com outros usuários. Do mesmo modo, são analisadas as causas da reunião de pessoas ao redor de um líder tirano e opressor, descrito em *1984*, lançando-se mão, inclusive, da teoria da servidão voluntária de Etienne de La Boétie. Com isso, defende-se a proposta de que, com o aparecimento das Redes Sociais Digitais e suas ferramentas, a criação de grupos humanos ganhou forte impulso e notoriedade. Bem como a apropriação da linguagem verbal pelos internautas inaugurou uma nova maneira de alcançar objetivos de comunicação e estabelecer laços com seus semelhantes.

Palavras-Chave: *1984*, Redes Sociais Digitais, Relações Paradigmáticas e Sintagmáticas, Servidão Voluntária, Identificação.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate and evaluate some of the existing affinities between virtual social networks "Facebook" and "Twitter" and the book "1984". The novel, written by George Orwell, figures among the world's major literary works, especially recognized by its political content, and numerous social provocations. The research is carried out from the choice of two points of comparison: the establishment of groups of people based on a leader or ideal, and the use of the language by individuals. In the Orwell's narrative, those who rule the society are in charge of creating a linguistic system called Newspeak. The new language, which is based on the original language, intends to supplant it altogether, and basically consists in the destruction of most of the terms and at the concentration of new directions in verbal signs. In addition to the annihilation of the old language, Newspeak's function is the decreasing of the available words, shortening the communicative capacity of people, preventing the appearance of any thought contrary to the domination and total control state in which the society is put into. On the other hand, in Digital Social Networks language benefits from the possibilities of expression brought by the Internet. Verbal signs arise guided by the need for expression of the users, by the desire to make them understood and feel belonging to the groups formed within the networks. The reflection aims a dialogue between the fiction proposed by Orwell and the reality experienced by the users of the sites in question. So on, it is based on studies of Saussure and Jakobson, with regard to the concept of the sign and the dynamics of the construction of words and expressions, through the relations of association and juxtaposition. Was found in the structure of Newspeak and the use of hashtags and the term "Like" within the network, some of the different factors to which verbal language can be bound. The discussion continues and extends to the functioning of the Digital Social Networks and the formation of groups - under the operation of the Freudian concept of identification. Undertakes an examination of the features offered by these social networking sites, virtual "places" that incorporate the human sense of belonging - and sponsor the appearance of groups based on ideals, brands, individuals or basically shared tastes with other users. Likewise, the causes of the gathering of people around a tyrant and oppressor leader, described in 1984, are analyzed, drawing on the Etienne de La Boétie's Voluntary Servitude theory. Thus, it is argued that with the emergence of Digital Social Networking and its tools, the creation of human groups was boosted and got a great notoriety. As well as the new way of the verbal language, launched by the internet users, in order to improve the achievement of their communication objectives and the establishment ties with the others.

Key-words: 1984, Digital Social Networks, Paradigmatic and syntagmatic relations, Voluntary Servitude, Identification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo do modelo de signo proposto por Saussure.	27
Figura 2 - Exemplo de representação dos eixos da linguagem.....	32
Figura 3 - Relação de termos em Novafala, levantados por Santos (2011).	34
Figura 4 - "Assuntos do Momento" e o uso de hashtags acerca de um tema.	57
Figura 5 - Exemplo de curtidas em publicação de conteúdo positivo.....	61
Figura 6 - Exemplo de curtidas em publicação de conteúdo negativo.	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	1984: ORIGEM E CONTEXTO DE PRODUÇÃO	15
2.1	O quê nos conta o romance	17
2.2	Os princípios do Socing	21
3	O SIGNO LINGUÍSTICO E AS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM	26
3.1	Saussure e a concepção dualística de signo	26
3.2	Os avanços e as contribuições de Jakobson	30
3.3	Novafala: aprofundamentos	33
4	A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA E A PSICOLOGIA DOS GRUPOS	38
4.1	O manifesto de La Boétie	38
4.2	Freud e a psicologia de grupos	41
4.2.1	O sentimento de grupo	43
4.2.2	Identificação	46
5	ESTUDOS DE CASO	52
5.1	Redes sociais digitais	52
5.2	Funcionamentos das redes – identificação e formação de grupos	54
5.2.1	Facebook	54
5.2.2	Twitter	55
5.3	A linguagem escrita no interior das redes	58
5.3.1	Alguns dos termos pré-determinados nos sites Facebook e Twitter	60
5.3.2	A língua transformada	63
6	1984 & REDES SOCIAIS DIGITAIS: confluências	66
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe à análise comparativa de duas grandes produções de linguagem da inteligência humana, a obra literária *1984* e as Redes Sociais Digitais (RSD), especificamente as que se desenvolvem a partir dos sites “Facebook” e “Twitter”. Pretende-se buscar as contribuições, advindas de um livro tornado clássico, para o aprimoramento da compreensão do fenômeno comunicacional que são as Redes Sociais Digitais.

Polêmica, a ficção *1984* fez de George Orwell o autor de um dos cem melhores livros de língua inglesa desde 1923, eleito pela revista norte-americana *Time*¹. Foi banido em alguns países e traduzido para mais de 60 idiomas, além de adaptado duas vezes para o cinema – e para o formato ópera, em 2005. A narrativa é considerada por muitos a obra magna de Orwell, sem dúvida por características como o horror no interior do qual se desenvolve o enredo; o detalhamento com que descreve a vida humana em uma superação subjugada ao Grande Irmão, figura representativa do Partido, o qual exercia o poder; o estado máximo de controle social, que encarcera a população em si mesma, por meio de uma política de guerras constantes e engodos cujo papel era manter o povo entorpecido e produtivo.

O autor inglês abrange vários temas, porém a preferência por aqueles ligados à política é evidente. As experiências assistidas em sua história de vida, e o conhecimento adquirido sobre a dominação – exercida especialmente pelos fascismos stalinista e franquista – moldaram seu pensamento e levaram-no a propostas como o conceito de *duplipensamento* e a concepção artificial de um idioma intimamente interligado a propósitos ideológicos de quem ocupa o poder, e com ele deseja permanecer. De acordo com o relato do personagem “O’Brien”, membro do núcleo que controla a sociedade, o “[...] Partido não está preocupado com a perpetuação de seu sangue, mas com a perpetuação de si mesmo. Não importa quem exerce o poder, contanto que a estrutura hierárquica permaneça imutável” (ORWELL, 2009, p. 247, grifo do autor). Novafala é nome dado ao novo idioma, densamente ligado a essa finalidade, entretanto situado para além da conservação de um estado de dominação. A língua nascente tem intenções mais

¹ Disponível em: <http://entertainment.time.com/2005/10/16/all-time-100-novels/slide/1984-1948-by-george-orwell/>

profundas e ardilosas, as de penetrar no pensamento humano, manipulá-lo a partir de dentro, numa guerra contra a memória e o pensamento herético. A menos que conseguisse optar por não mais ser tiranizado, o povo permanece num estado de servidão irrestrita e complacente. Os poucos e efêmeros grupos que se veem formar são os que comportam colegas de trabalho e aqueles cuja missão seja simplesmente alguma atividade ligada ao próprio governo. Acima destes, está o grupo maior que compreende toda a nação, subordinada à figura do Grande Irmão.

Desde seu lançamento, *1984* é referência para autores, diretores de cinema e artistas interessados em temas como os que se debruçam sobre os riscos de regimes totalitários, e da tarefa indissociável de controle da realidade social². Todavia não encontramos, no levantamento de materiais para nossa pesquisa, nenhuma relação entre a obra de Orwell e as Redes Sociais Digitais (RSD) de nossa cultura. Acreditamos ser a narrativa de Orwell fonte de subsídios para lançarmos olhar ampliado sobre a dinâmica das RSD. Frente a isso, motiva-nos essa pesquisa a examinar a maneira como se manifestam, na cultura contemporânea, tais possíveis entrecruzamentos.

A análise de redes sociais [digitais, por exemplo] assume como premissa que as relações (ou laços) sociais estabelecidos por indivíduos, atores coletivos, associações ou organizações e instituições (e entre eles) constituem o elemento por excelência de estruturação da vida social (CARLOS, 2011, p. 154).

Nascidas da necessidade humana de se reunir e compartilhar experiências com seus semelhantes, as redes sociais remontam aos primeiros passos das civilizações humanas. De modo geral, incluem-se nessas redes todos os tipos de agrupamentos humanos ao redor de um interesse em comum, como um time de futebol, uma empresa, uma sala de aula,

[...] designadas por atores, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais etc. Nessas relações, os atores sociais desencadeiam os movimentos e fluxos sociais, através dos quais partilham crenças, informação, poder, conhecimento, prestígio etc. (FERREIRA, p. 213, 2011).

² Como exemplo, a *graphic novel* inglesa “V de Vingança”, produzida por Alan Moore e David Lloyd na década de 1980 – publicação onde é também presente o tema da condescendência popular ao modelo de governo, de moldes também totalizantes.

Com o surgimento da Internet, as interações ganharam impulso por meio do uso do e-mail. Porém o aumento expressivo do número de internautas demandou novas ferramentas de comunicação e estreitamento de laços no mundo virtual. Dos primeiros protótipos aos complexos e avançados sites de redes, grupos humanos foram transportados para o ambiente digital, sem dano aos mecanismos que os regiam (e ainda o fazem) antes da novidade da Internet. Pelo contrário. Na verdade, ao mesmo tempo em que os grupos se viram impulsionados pelas possibilidades das Redes Sociais Digitais, a linguagem transformou-se em proporção talvez ainda mais significativa. As inovações decorrentes da nova plataforma de contato entre os usuários, incentivaram e permitiram uma reconfiguração na maneira como as pessoas se comunicam.

[...]. A escrita tem estado conosco por vários milênios, e hoje em dia é mais importante do que nunca. Ela pode também ser considerada uma tecnologia, cuja criação possibilitou o surgimento de uma verdadeira inteligência escrita à qual temos acesso por meio dos suportes eletrônicos, que estão redesenhando a sociedade a cada instante (JUNGK, 2011, p. 168).

Destacamos, em nossa pesquisa, algumas das alterações linguísticas que podem ser observadas sem esforço no mundo digital, especificamente no interior de redes sociais selecionadas. Ativemo-nos às mudanças realizadas dentro na língua materna dos usuários brasileiros.

Finalmente, nosso estudo organiza-se em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos um levantamento histórico sobre a vida de George Orwell, sua participação na guerra civil espanhola, o contato com os regimes franquista e stalinista; seguida de uma breve verificação sobre as maneiras pelas quais suas infelizes e marcantes experiências influenciaram seu pensamento, vindo a refletirem-se na produção de sua obra literária mais ilustre e aclamada. Em seguida, trazemos e aprofundamo-nos na descrição da história narrada por *1984*, procuramos sublinhar os aspectos mais representativos, de grande importância para a apreensão da reflexão de Orwell sobre o ilícito e sempre questionável caminhos do poder ilimitado: um estado totalitário que se beneficia da falsificação do passado para controlar o presente e assegurar-se do futuro; se utiliza de uma técnica de disciplina mental cujo objetivo é comportar duas ideias contraditórias ao mesmo tempo, e acreditar nelas;

encomenda a fabricação de um novo idioma oficial, apto a restringir o pensamento aos níveis desejáveis.

O segundo capítulo está organizado em três seções. Na primeira, recuperamos as teorizações de Ferdinand de Saussure (2006) sobre o signo linguístico, formado duplamente por significante e significado. Na distinção entre língua e fala, localizamos característica basilar do entendimento sobre a linguagem, a diferenciação entre o código (língua) dado, precedente ao indivíduo, e a utilização individual dos seres falantes da mesma língua. Por fim, as ideias saussurianas sobre as relações e diferenças entre os termos em um encadeamento linguístico, encaradas como relações associativas e sintagmáticas. A segunda seção contempla os ensinamentos de Roman Jakobson (1975), pensador que aquilatou os estudos de Saussure sobre essas duas operações que, interdependentes em funcionamento, regem a comunicação humana; Jakobson expande as noções sobre metáfora e metonímia, ao associá-las, separadamente, aos comumente considerados eixos formativos da linguagem, o paradigmático e o sintagmático. A última parte baseia-se na pesquisa feita por Santos (2011), em que são identificadas duas ferramentas de alteração linguística empregadas na Novafala. Assim, nesse capítulo localizamos subsídios para a compreensão da metodologia da nova língua oficial do *Partido*. Além de abrirmos caminho em direção à realidade da linguagem nas Redes.

No terceiro capítulo, passamos à discussão sobre a psicologia que envolve e determina o aparecimento e os mecanismos atuantes nas formações de grupos de pessoas. De início, destacamos o pioneirismo de La Boétie (2004) com o conceito de servidão voluntária, em manifesto produzido muito tempo antes de teorizações mais aprofundadas sobre o tema. O autor havia se dado conta de que os homens parecem desejar serem subjugados, oferecendo-se como servos. Num segundo momento, trazemos os apontamentos de Sigmund Freud (1921) acerca da psique, os quais contribuem para o debate em torno das razões que unem os sujeitos em grupos, de variados graus de complexidade. Verificamos que diferentes tipos de grupamentos humanos, inclusive no mundo virtual, são regidos por processos psíquicos inconscientes, descobertos e sistematizados por Freud. O desejo de servir, a ocorrência do processo de identificação, e a busca dos sujeitos por seus ideais do ego figuram tanto na ficção de Orwell e nas RSD.

No capítulo de número quatro partimos para nossos estudos de caso, que compreendem as RSD ancoradas nos sites Facebook e Twitter. Após um breve resumo sobre o nascimento e estrutura de funcionamento de cada uma, traçamos os paralelos possíveis entre elas e *1984*. Articula-se um diálogo entre as contribuições de ordem linguística e psicológicas, exploradas nos capítulos anteriores, e a variedade de recursos oferecidos pelas redes sociais digitais da atualidade. Nossa investigação encontra afinidades que evidenciam o papel agregador das RSD, além da liberdade no uso da língua escrita, que pode ser transformada para a “melhoria” do código, bem como para a aproximação dos internautas. Ainda, sublinhamos exemplos da apropriação da língua por parte dos usuários, em que demonstram manipulá-la de modo inédito até o advento das Redes.

A escrita sendo linguagem, não deixará nunca de evoluir, de transformar-se a cada revolução humana, num casamento entre meios e signos cujo poder multiplicador e proliferativo agora sentimos nas telas eletrônicas como nunca antes (JUNGK, 2011, p. 167).

Finalmente, o último capítulo retoma as teorias fundantes da pesquisa para estabelecer comparações, pontos de encontro e particularidades observadas na obra narrativa de Orwell e os sites em questão. São propostas confluências a partir da observação empreendida no capítulo anterior. Inicialmente, pontua-se a semelhante causa mestra na formação de grupos pertencentes à ficção orwelliana e naqueles que surgem, a todo momento, no interior das Redes. La Boétie e Freud legitimam uma das mais notáveis condições do ser humano, a necessidade intrínseca de reunir-se em grupos, permanentes ou de surgimento e duração temporários. Em seguida, o foco recai sobre o termo “Curtir”, utilizado pelo Facebook e pelo Twitter na forma de um botão, para que os usuários comuniquem sua aprovação, sua concordância (ou não) a respeito toda publicação veiculada e exibida nas telas dos dispositivos que acessem a Internet. O pensamento de Roman Jakobson revela-nos a enorme variedade de termos contidos singularmente naquele signo verbal. Além disso, fornece as bases de operação da língua escrita nas RSD, especialmente em relação ao uso das *hashtags*. Também são alvos da reflexão as táticas totalitárias do governo de *1984*, contrapostas a um sem número de possibilidades proporcionadas pelas Redes Sociais Digitais.

2 1984: ORIGEM E CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Eric Arthur Blair nasceu em 1903, na Índia, onde seu pai trabalhava para o império britânico. Sob o pseudônimo de George Orwell, foi autor de uma das obras de maior sucesso e reverberação na literatura internacional, que rapidamente conquistou passagem de entrada na restrita lista de clássicos modernos. Sua obra-prima terminal movimentou a crítica ao narrar a história da luta solitária de um homem contra a sociedade altamente totalitária da qual faz parte. Acometido por uma tuberculose, Orwell faleceu em 1950, pouco tempo depois de ter sua obra publicada, em 1949.

A juventude de Orwell foi a responsável pelos acontecimentos que marcariam e seriam determinantes na realização de *1984*. Como bolsista, estudou em colégios britânicos de elite, e logo cedo teve contato com injustiças e preconceitos em relação aos mais pobres. Coursou faculdade tradicionalmente medieval e seguiu carreira militar, servindo na Birmânia, a mando do império britânico.

O período em que esteve servindo na Birmânia mudou profundamente Orwell. Ao ver a truculência com que o império agia e que ele também fazia parte daqueles abusos e desumanidades, decide dar baixa do exército e deixar o serviço militar. A nova tomada de consciência de Orwell, não teve como consequência apenas o seu pedido de deserção do exército [...] (SANTOS, 2011, p. 67).

De volta a Londres, decide mudar radicalmente de vida e passa a viver com mendigos, prostitutas e desempregados – vivenciando de perto a vida dos que considerava serem os oprimidos da sociedade, “a classe dos mais vulneráveis, ou seja, essas pessoas passam por dificuldades mesmo sem estar ocorrendo crises econômicas” (SANTOS, 2011, p. 67). Em 1936, participa na guerra civil espanhola, em Barcelona, lutando ao lado da milícia POUM (*Partido Obrero de Unificación Marxista*). Essa milícia opunha-se à subordinação defendida por Stálin, de que todos os partidos comunistas do mundo fossem como filiais do Partido Comunista Russo. “Ao se juntar ao POUM, na luta pela emancipação do povo oprimido espanhol, automaticamente, Orwell também tomou partido em uma ala anti-estalinista (sic) [...]” (SANTOS, 2011, p. 68). Notou que os objetivos do comunismo russo não almejavam a libertação dos povos, mas a formação do Estado russo – ainda que pautado na

doutrina marxista, não trabalhava a favor da liberdade, adotando, ao contrário, postura fortemente totalitária e repressora (Santos, 2011). Confrontado em suas ideias pelos exemplos negativos vindos do regime soviético russo, Orwell focalizou suas produções literárias no âmbito de denunciar e combater os horrores do governo de Stálin.

Após ter lutado na Espanha, Orwell pode embasar melhor as suas críticas. A conclusão que tirou do resultado da luta armada espanhola foi negativa. Percebeu que em grande parte, sua derrota se deu por causa do totalitarismo stalinista. Diante desse triste quadro promovido pelos soviéticos, defende a tese de que não apenas o levante espanhol como a revolução russa foram traídos (SANTOS, 2011, p.70).

As experiências e percepções acumuladas do período em que serviu na Birmânia, de sua participação na guerra civil espanhola, e consequências de duas Grandes Guerras foram decisivas na formação do pensamento que nortearia sua obra. Como nos conta Santos (2011), George Orwell dedicou-se a denunciar a “[...] falta de liberdade promovida pelo fascismo, nazismo e do que chamou de mito soviético do proletariado” (SANTOS, 2011, p. 71). Sua produção literária intelectual demonstrou seu posicionamento explicitamente contra “[...] toda e qualquer forma de opressão e totalitarismo, independente de estarem ou não sobre a fachada do socialismo [...]” (Idem). Dessa forma, são numerosas as passagens em que faz transparecer as referências aos absurdos e exageros stalinistas, na concepção e descrição do modelo de governo do Partido que detém o poder na sociedade da narrativa de *1984*.

A crítica de Orwell existente em *1984* denunciava não apenas os expurgos stalinistas, como também a baixez moral que (sic) sua época esteve mergulhada. Essa baixez podia ser medida pelo fato de que todo o expurgo stalinista teria sido esquecido momentaneamente, durante o período em que o ditador Stalin era considerado aliado. Com a publicação da obra em 1948, Orwell também conseguiu o feito de lembrar que o então aliado da Inglaterra é um tirano e que ao se aliar a ele o governo do império britânico, com toda a sua pompa, não se faz mais nobre (SANTOS, 2011, p. 73).

Essencial e majoritariamente narrativo-descritivo, o texto da obra enfatiza a terceira pessoa da narração. A atenção principal fica situada na estrutura e na operação (em todos os aspectos) da sociedade. É seguramente na descrição do modo de funcionamento da vida regida pelo Partido que o livro de Orwell mais

provoca a atenção do leitor, reclama análises e reflexões – em sua maioria, extensas e polêmicas.

2.1 O quê nos conta o romance

O título, *1984*, refere-se ao provável ano em que se passam os acontecimentos da narrativa, na cidade de Londres. Após a eclosão de uma grande guerra, a anexação de territórios para a formação de três superestados deu ao mundo contornos muito próximos dos que caracterizaram o período feudalista, na história de sua evolução.

A divisão do mundo em três grandes superestados foi um evento que já podia ser previsto – e foi de fato – antes de meados do século XX. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, formaram-se duas das três potências hoje existentes: a Eurásia e a Oceânia. A terceira delas, a Lestásia, só emergiu como unidade distinta depois de mais uma década de confusos conflitos armados [...] (ORWELL, 2009, p. 220).

Em Oceânia, o poder ficou unicamente nas mãos do Partido, autodeclarado responsável pela revolução que levou à organização social atual desse superestado. Abaixo dele, fica o Núcleo do Partido, analogamente comparado ao cérebro do Estado, correspondendo a apenas dois por cento da população. Em seguida, o Partido Exterior e, por último, as massas formadoras da maior camada da população; ignorantes e tidas como inferiores, amplamente desfavorecidas financeira e socialmente, são pejorativamente chamadas de “proletas”. A dominação sobre elas deveria ser mantida, defendia o Partido; “[...]. Desde que continuassem trabalhando e procriando, suas outras atividades careciam de importância [...]” (ORWELL, 2009, p. 90).

Não há mobilidade social, e o modelo político-econômico de produção baseia-se na guerra interminável com os outros dois enormes blocos mundiais, a Eurásia e a Lestásia. Nenhuma das três superpotências mundiais poderia ser conquistada, ainda que fosse atacada por uma aliança das outras duas. Ademais, não havia o quê mais ser conquistado materialmente – os estados organizavam-se de tal maneira a que suas necessidades de consumo eram quase totalmente supridas a partir da produção interna, declarando o fim da disputa por mercados. Dessa forma, o principal e verdadeiro motivo da guerra era econômico: uma guerra pela força de

trabalho. Os territórios concorridos possuem minérios valiosos, e alguns são produtores de bens agrícolas como borracha. Mais importante do que isso, porém, são territórios onde há imensa oferta de mão de obra barata.

A produção industrial é estritamente controlada e o consumo popular é limitado a produtos que o próprio governo oferece – sob qualidade duvidosa e muito baixa – como café, algumas bebidas alcoólicas, e cigarro. Vinho, chocolate e outros bens são inacessíveis, alguns podendo ser conseguidos somente por meio de mercados negros. Somente o Núcleo do Partido goza de regalias, e tem acesso a artigos exclusivos.

[...]. No topo da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo poderoso. Todos os sucessos, todas as realizações, todas as vitórias, todas as experiências científicas, todo o conhecimento, toda a sabedoria, toda a felicidade, toda a virtude seria um produto direto de sua liderança e inspiração. *Ninguém* jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela [...]. O Grande Irmão é o disfarce escolhido pelo Partido para mostrar-se ao mundo. Sua função é atuar como um ponto focal de amor, medo e reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização (ORWELL, 2009, p. 245, grifo nosso).

A onipresença do Grande Irmão é característica da e na obra Orwell (2009). Numerosas são as passagens em que descreve, de modo detalhado, a atmosfera de controle e cerceamento total da vida em Londres (o que também ocorria em todo o território oceânico); reafirma os esforços empreendidos pelo Partido para penetrar, com o máximo de força e eficiência, na vida dos habitantes oceânicos. Por toda parte cartazes e pôsteres com a foto do líder podiam ser vistos em qualquer lugar de destaque, dentro e fora dos edifícios.

[...] um pôster colorido, grande demais para ambientes fechados, estava pregado na parede. Mostrava simplesmente um rosto enorme, com mais de um metro de largura: o rosto de um homem de uns quarenta e cinco anos, de bigodão preto e feições rudemente agradáveis [...]. Era uma dessas pinturas realizadas de modo a que os olhos o acompanhem sempre que você se move. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, embaixo (ORWELL, 2009, p. 11-12, grifo do autor).

Nas residências dos membros do Partido, em seus locais de trabalho, e espalhadas pela cidade, havia *teletelas* instaladas. Semelhantes aos aparelhos de televisão que conhecemos, esses dispositivos eletrônicos eram acoplados às paredes, e cumpriam dupla função essencial: transmitir avidamente programas e

comunicados do governo, “[...] com estatísticas que provavam que hoje a população tinha mais comida, mais roupa, melhores casas, melhores opções de lazer [...]” (ORWELL, 2009, p. 94). E principalmente, atuar no caminho inverso, servindo de olhos do Partido sobre tudo o que acontecia no interior das casas. O volume podia ser diminuído, porém até certo nível em que ainda era possível ouvir o que dizia a programação.

[...]. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ser ouvido também poderia ser visto. Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico [...] (ORWELL, 2009, p. 13).

Mesmo a corporação da Polícia exhibe mudanças de modo a adequar-se ao modelo totalitário de vigilância em Oceânia. A *Polícia das Ideias* realiza rondas incessantes, sempre com a atenção voltada para o que estão fazendo os cidadãos; de cima, a partir de helicópteros, aponta suas câmeras para as janelas dos prédios. Prisioneiros de guerra vindos do superestado inimigo em questão são exibidos como troféus em passeatas e eventos de autopromoção do governo, como na “Semana do Ódio”. Aos habitantes de Oceânia é proibido qualquer contato próximo com os inimigos, sendo incentivados somente a rechaçá-los sob qualquer argumento. Opositores do regime são constantemente identificados, capturados e sumariamente eliminados. Diariamente, os integrantes do Partido têm de participar dos “Dois minutos de Ódio”, momento no qual são conduzidos a uma sala com uma enorme tela em uma das paredes, e cadeiras enfileiradas logo à frente: durante o tempo de dois minutos, a teletela exhibe imagens que estimulassem reações agressivas dos espectadores; a programação não era a mesma, variando ao longo dos dias, “[...] mas o principal personagem era sempre Goldstein. Ele era o traidor original, o primeiro conspirador da pureza do Partido” (ORWELL, 2009, p. 22). Todos os tipos de crime e desvios contra o Partido eram a ele imputados. Segundo dizia a teletela, de uma maneira ou de outra estava vivo, escondido em algum lugar distante ou até mesmo em Oceânia, a conspirar com seus aliados. Goldstein atacava a ditadura e o Grande Irmão, bradava pela liberdade de opinião, de imprensa e de pensamento. Ao fundo, imagens de tropas inimigas preenchiam a imagem, a marcharem assustadoramente. Não eram necessários mais do que trinta segundos para que a

totalidade dos presentes estivesse a vociferar contra Goldstein e as mentiras que insistia em dizer; algumas pessoas gesticulavam ferozmente, como se pudessem atingi-lo. Terminada a sessão, todos voltavam ao trabalho, como de costume.

Crianças e jovens são inseridas desde muito cedo na doutrina do Partido: aprendiam a odiar Goldstein; eram incentivadas a participar da “Liga Juvenil Anti-Sexo”, além de serem treinadas a investigar e espionar os próprios pais, à procura de qualquer sinal contrário ao que era pregado e promovido pelo totalitarismo partidário em Oceânia. Aos homens e mulheres adultos, o sexo é permitido somente para fins de procriação, sendo proibido praticá-lo por prazer. A prostituição existe nas camadas mais pobres, contudo isso não representa risco para o Partido, complacente em permitir essa prática, pois acredita ser um calmante e garantia de alguma diversão às massas. Também adota essa posição em relação às bebidas alcoólicas e aos jogos de azar, estes últimos não passam de enorme engodo, pois funcionam de modo a que nenhum proleta saísse vitorioso, e as premiações saem sempre para membros do Partido.

O protagonista é Winston Smith, um homem que acredita ter trinta e nove anos. Membro do Partido, ele secretamente almeja a destruição do Grande Irmão, a derrubada do Partido.

[...]. Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos a solta em algum lugar público qualquer ou na esfera de alguma teletela. Qualquer coisinha podia ser a sua perdição. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho – tudo que pudesse produzir alguma impressão de anormalidade, de que tinha alguma coisa a esconder. Fosse como fosse ostentar uma expressão inadequada no rosto (parecer incrédulo no momento em que a vitória era anunciada, por exemplo) era em si uma infração passível de castigo [...] (ORWELL, 2009, p. 79).

Sua luta silenciosa e solitária contra a ditadura opressora do Partido dá-se, em parte, em um diário que mantém às escondidas. Nele anota o pouco do que se lembra do passado, suas constatações e discordâncias em relação ao que defende o governo do Grande Irmão. Os desdobramentos dessa empresa é o que somos convidados a acompanhar até a última página.

2.2 Os princípios do Soving

Na Oceânia vigora – sobre os membros do Partido – a doutrina do Soving³, ou Socialismo Inglês. Porém, os sistemas sociais dos outros dois superestados são idênticos,

[...] existe a mesma estrutura piramidal, a mesma adoração a um líder semidivino, a mesma economia justificada única e exclusivamente por uma atividade contínua de guerra [...]. Enquanto isso o fato de que *não há* possibilidade de conquista permite a denegação da realidade, que consiste na principal característica do Soving e de seus sistemas rivais de pensamento [...] (ORWELL, 2009, p. 233-234, grifo do autor).

Os órgãos politico-administrativos máximos, responsáveis pela a dinâmica e manutenção do regime, dividem-se em quatro Ministérios. O Ministério da Pujança, que lida com as questões econômicas; o Ministério da Verdade, ao qual cabem notícias, educação, belas-artes e entretenimento; Ministério do Amor, dedicado à conservação da lei e da ordem. Na verdade, todos eles estão alinhados os princípios do Soving: a mutabilidade do passado, o duplipensamento e a Novafala. Estas três ferramentas de domínio das quais dispõe a empreitada partidária, notadamente são pontos altos da história.

O departamento em que trabalha Winston, o de Registros, é responsável especificamente por uma das três práticas fundamentais (e interdependentes) citadas acima: a mutabilidade do passado. Smith tem a função de alterar qualquer tipo de documento (livros, panfletos, revistas etc.) que por qualquer motivo não esteja mais condizente com o que diz o Partido.

[...] o Departamento de Documentação não passava de um ramo do Ministério da Verdade cuja função primeira não era reconstruir o passado e sim abastecer os cidadãos da Oceânia com jornais, filmes, livros escolares, programas de televisão, peças dramáticas, romances – com todo tipo imaginável de informação, ensino ou entretenimento, de estátuas a slogans, de poemas líricos a tratados de biologia, de cartilhas de ortografia a dicionários de Novafala [...]. Havia uma série de departamentos dedicados a especificamente à literatura, à música, ao teatro e ao entretenimento proletário em geral. Ali eram produzidos jornais populares contendo apenas e tão somente esportes, crimes e astrologia, romances sem a menor qualidade, curtos e sensacionalistas, filmes com cenas e mais cenas de sexo, e canções sentimentais compostas de forma totalmente mecânica por

³ Na edição utilizada por nós, a grafia da sigla também foi traduzida para o português. Em outras traduções, é possível encontrar grafia original em inglês “Ingsoc”.

uma modalidade especial de caleidoscópio conhecido como versificador [...] (ORWELL, 2009, p. 57-58).

Winston lida diariamente com documentos que não guardam relação com a realidade, uma vez que ela é frágil fruto das determinações do Partido. Executa a mudança de um contrassenso por outro. “[...]. As versões originais das estatísticas não eram menos fantasiosas que suas versões retificadas [...]. E assim acontecia com todos os tipos de fatos documentados, importantes ou não” (ORWELL, 2009, p. 55). Dessa forma, a exemplo do que ocorria com o jornal oficial depois de feitas as alterações necessárias, a edição era reimpressa, o original destruído e a cópia retificada era arquivada no lugar dele. Processo que se estendia a periódicos, panfletos, livros, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras etc., tudo o que pudesse conter algum sentido político ou ideológico.

Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado [...]. A história não passava de um palimpsesto, raspado e reescrito quantas vezes fosse necessário. Uma vez executado o serviço, era absolutamente impossível provar a ocorrência de qualquer tipo de falsificação [...] (ORWELL, 2009, p. 54).

Por ser constantemente destruída e reconfigurada, a memória não desfrutava de qualquer possibilidade e capacidade de servir como referência segura sobre o que houvera até pouco antes de ser reescrita. Tampouco era possível tentar encontrar indícios do passado na arquitetura, em estátuas, nomes de ruas ou lápides, pois tudo o que poderia fornecer pistas havia sido sumariamente alterado (Orwell, 2009).

O que impera é uma realidade de dominação e controle absoluto de praticamente tudo o que envolve a vida em Oceânia – com exceção, em vias de deixar ser, do pensamento.

Os dois artifícios restantes, que completam a tríade dos princípios do Socing são o chamado duplipensamento e a Novafala. Estes dois conceitos operam mutuamente, sendo interdependentes. O Partido havia desenvolvido uma forma de fazer com que os habitantes oceânicos mantivessem, ao mesmo, pensamentos contrários em suas mentes. Deveriam ter suas mentes treinadas para serem capazes de aprender algo e acreditar naquilo, ao mesmo tempo em que guardassem o sentido oposto do conceito então reaprendido. Ensinado desde muito cedo às

crianças, o duplipensamento consistia na “[...] capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas” (ORWELL, 2009, p. 252, grifos do autor).

O pensamento era treinado a desenvolver a capacidade de suplantar a própria memória, vencê-la quantas vezes fosse necessário. Exemplo mais notável do que pretendia esse método é dado por Winston, ao refletir enquanto realiza atividades físicas impostas por um teletela.

Sua mente deslizou para o labiríntico mundo do duplipensamento. Saber e não saber, estar consciente de mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente, defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; recorrer à lógica para questionar a lógica, repudiar a moralidade dizendo-se um moralista, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer tudo o que fosse preciso esquecer, depois reinstalar o esquecido na memória no momento em que ele se mostrasse necessário, depois esquecer tudo de novo sem o menor problema: e, acima de tudo, aplicar o mesmo processo ao processo em si. Esta a última: induzir conscientemente a inconsciência e depois, mias uma vez, tornar-se inconsciente do ato de hipnose realizado pouco antes. Inclusive entender que o mundo em ‘duplipensamento’ envolvia o uso do duplipensamento (ORWELL, 2009, p. 48).

Bastante complexa, a técnica do duplipensamento aliava-se à proposta certamente mais audaciosa e interessante explorada por Orwell (2009): a instauração de uma nova língua a ser implantada por completo dentro do território oceânico. Por meio da manipulação do inglês corriqueiro, o Partido tenta concretizar o surgimento e a instalação de uma língua atualizada e substancial, batizada de Novafala⁴.

Tomando por base o inglês, a Novafala passa a considerá-lo como antiquado e inapropriado, classificando-o com o nome de Velhafala⁵. A proposta de uma língua quase inteiramente nova alinhava-se perfeitamente às intenções do totalitarismo oceânico, e representa o terceiro elemento componente de preceitos do Socialismo Inglês.

A Velhafala, ou inglês corrente à época de Orwell, ainda era largamente utilizada pela sociedade. Sofria, no entanto, um processo sistemático e acentuado

⁴ Na edição utilizada por nós, o termo foi traduzido como “Novafala”. É possível encontrar a tradução “Novilíngua” em edição mais antiga.

⁵ Nesse caso, a diferença de traduções é de “Anticlíngua” na mais antiga e “Velhafala” na utilizada por nós.

de destruição, para dar lugar à nova língua oficial do superestado. Um dos departamentos do mesmo Ministério onde trabalhava Winston era dedicado à organização e publicação dos “Dicionários de Novafala”. Estava em curso a finalização da edição que seria a definitiva, a décima primeira, e a previsão era de que o novo sistema de signos fosse finalizado até o ano de 2050. Até então, os integrantes exteriores e do núcleo do Partido eram os que inicialmente tinham contato com as mudanças, e assimilavam-nas obrigatoriamente.

A verdadeira finalidade da Novafala estendia-se para bastante além da unificação do idioma. Concebida com fins menos práticos do que ideológicos, sua verdadeira função era de ser a mais abrangente arma de controle da realidade e dominação sobre os subordinados do Grande Irmão – avançando mais do que a transformação contínua do passado e a técnica do duplipensamento. Preocupado com o quê se passava na mente dos indivíduos, o que levaria ao nascimento de dissidentes e/ou terroristas, o Partido promove mudanças severas na língua utilizada pela população. Para garantir que fossem atendidas, as exigências ideológicas do Socing precisavam penetrar profundamente, ditarem as *regras e limites possíveis do pensamento*. Com isso, seria alcançado o verdadeiro objetivo implícito no novo idioma: ampliar a presença estatal para o oásis da individualidade humana, e extingui-la por completo; obter controle irrestrito sobre o funcionamento da mente. Moldá-la conforme os princípios do Partido, de modo a refleti-los. E finalmente, tornar literalmente impossível a formação de qualquer pensamento herege.

O objetivo da Novafala não era somente fornecer um meio de expressão compatível com a visão de mundo e os hábitos mentais dos adeptos do Socing, mas também inviabilizar todas as outras formas de pensamento. A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novafala e esquecida a Velhafala, um pensamento herege – isto é, um pensamento que divergisse dos princípios do Socing – fosse literalmente impensável, ao menos na medida em que pensamentos dependem de palavras para ser formulados. O vocabulário da Novafala foi elaborado de modo a conferir expressão exata, e amiúde sutil, a todos os significados que um membro do Partido pudesse querer apropriadamente transmitir, ao mesmo tempo que (sic) excluía todos os demais significados e inclusive a possibilidade e a pessoa chegar a eles por meios indiretos. Para tanto, recorreu-se à criação de novos vocábulos e, sobretudo, à eliminação de vocábulos indesejáveis, bem como a subtração de significados heréticos e, até onde fosse possível, de todo e qualquer significado secundário que os vocábulos remanescentes porventura exibissem (ORWELL, 2009. p. 348).

O personagem Syme trabalha na área de pesquisa sobre a linguagem, ocupa-se diretamente das mudanças aplicadas à língua, e com a produção da próxima edição do Dicionário de Novafala. Na condição de especialista, o filólogo explica basicamente a atividade que desempenha:

A décima primeira edição é a edição definitiva, disse. Estamos dando os últimos retoques na língua – para que ela fique do jeito que há de ser quando ninguém mais falará outra coisa. Depois que acabarmos, pessoas como você serão obrigadas a aprender tudo de novo. Tenho a impressão de que você acha que nossa principal missão é inventar palavras novas. Nada disso! Estamos destruindo palavras – dezenas de palavras, centenas de palavras todos os dias. Estamos reduzindo a língua ao osso. A décima primeira edição não conterá uma única palavra que venha se tornar obsoleta antes de 2050 (ORWELL, 2009, p. 67).

Como é possível notar, o foco das obrigações de Syme é a destruição de palavras, a redução de termos disponíveis para a comunicação. O estreitamento das possibilidades comunicativas e, conseqüentemente, do pensamento. Prova desse fato era a constante alteração do tamanho do “Dicionário”, fazendo com que fosse tornado menor a cada nova edição. Como explica Orwell (2009), não havia possibilidade, em Novafala, de um pensamento herege não ser percebido como tal, uma vez que não existiam as palavras minimamente necessárias para sequer prosseguir. Os mecanismos por meio dos quais isso era possível e algumas das particularidades do sistema da Novafala são tema dos próximos capítulos.

3 O SIGNO LINGUÍSTICO E AS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM

Alguns dos conceitos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure (2006) e Roman Jakobson (1979) são operadores que permitem lançarmos mais luz sobre o modo de funcionamento da Novafala.

3.1 Saussure e a concepção dualística de signo

Ferdinand de Saussure foi um dos grandes pensadores do séc. XX. Revolucionou os estudos da linguagem ao lançar as bases da Linguística moderna, redefinindo a sistematização do estudo da linguagem. As implicações de seus estudos vão além, contribuindo com as Ciências Sociais ao demonstrar que

[...] não seria possível chegar a uma compreensão adequada do homem e de suas instituições se o comportamento humano fosse tratado como uma série de eventos similares aos eventos do mundo físico [...]. Quando o estuda, o investigador não pode simplesmente rejeitar, como impressões subjetivas, o significado que o comportamento tem para os membros de uma sociedade [...] (CULLER, 1979, p. 1).

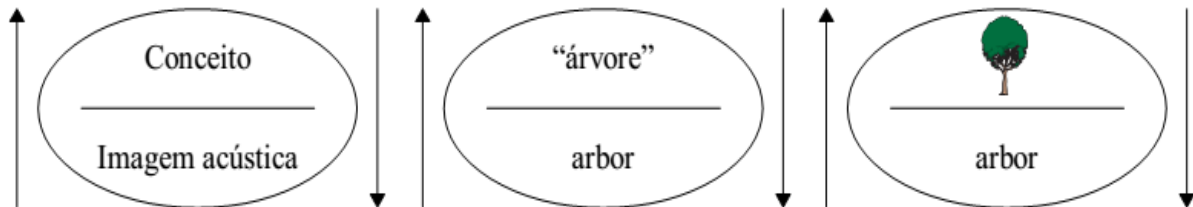
Saussure se deu conta de que, se considerado como parte de um sistema maior de convenções e valores, o olhar sobre o comportamento humano se beneficiaria, explica-nos Culler (1979). Assim, a abordagem saussuriana da linguagem abre caminho para novas maneiras de pensar o enfoque da íntima relação entre a mente humana e a linguagem.

[...] nas suas observações metodológicas e na sua abordagem geral da linguagem, Saussure dá-nos uma impressão clara daquilo que podemos chamar de estratégias formais do pensamento modernista: os caminhos através dos quais cientistas, filósofos, artistas e escritores que trabalharam na primeira metade deste século tentaram haver-se com um universo complexo e caótico. Como enfrentar, sistematicamente, o aparente caos do mundo moderno? Esta pergunta era feita em vários campos, e as respostas dadas por Saussure são exemplares: não se pode esperar chegar a uma visão absoluta ou divina das coisas, mas deve-se escolher uma perspectiva, e, nela, os objetos devem ser definidos por suas relações um com o outro mais do que por essências da mesma espécie (CULLER, 1979, p. 2).

O signo linguístico definido por Saussure (2006) é resultado da união não de uma palavra a uma coisa, mas de um conceito a uma imagem acústica. "Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse

som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 80, grifo do autor).

Figura 1 – Exemplo do modelo de signo proposto por Saussure.



Fonte: desenho pessoal.

Dessa forma, o signo linguístico é uma entidade psíquica total, formada por duas faces: significante e significado – podendo estes ser, respectivamente, os substitutos de “conceito” e “imagem acústica” do modelo acima. Nele a palavra latina “arbor” representa a sequência de sons que se refere ao conceito “árvore”. As flechas assinalam o estabelecimento da “combinação psíquica” entre o conceito e a imagem; as direções se referem aos processos de produção e recepção da fala dentro do circuito saussuriano.

Saussure aponta como primeiro princípio de sua teoria da linguagem a natureza arbitrária do signo. “[...]. Não há nenhum elo natural ou inevitável entre o significante e o significado” (CULLER, 1979, p. 14). Isso não quer dizer, porém, que é assim possível considerar cada língua como nomenclaturas ligadas a objetos e conceitos. Prova disso, é o fato de não ser possível traduzir, sem esforço e complexas adaptações, conceitos ou significados de uma língua para outra. “[...]. Cada língua articula ou organiza o mundo diferentemente. As línguas não nomeiam simplesmente categorias existentes: articulam as suas próprias categorias” (CULLER, 1979, p. 16-17). Significantes e significados não estão sujeitos a nenhuma razão para a que um se ligue ao outro e resulte num determinado conceito. É por ser arbitrária a natureza da relação entre eles, que um determinado significado não se vê obrigado a associar-se um significante também determinado; significa dizer que as línguas fazem com que os significados sejam mutáveis e dependentes do estado de cada uma.

[...]. Uma língua não atribui simplesmente, nomes arbitrários a um conjunto de conceitos de existência independente. Ela erige, por um lado, uma relação arbitrária entre significantes de sua própria escolha e, por outro,

significados também de sua própria escolha. Uma língua não produz apenas um conjunto de diferentes significantes, articulando e dividindo o continuum de som de maneira distintiva; cada língua produz um conjunto diferente de significados; tem uma maneira distintiva, e portanto 'arbitrária', de organizar o mundo em conceitos ou categorias (CULLER, 1979, p. 18).

Qualquer uma das palavras que constituem uma língua poderia ser usada para o mesmo fim, não há motivação anterior, e o emprego de uma em detrimento de outra se justifica no fato de que uma palavra já esteja sendo usada pelo falante daquele sistema de signos. “[...] Como não existem conceitos universais fixos ou significantes universais fixos, o significado em si é arbitrário, assim como o significante [...]” (CULLER, 1979, p. 17-18). Desta forma, significantes e significados são vistos como pertencentes a um sistema; constituem-se e são possíveis a partir da relação que estabelecem com outros significantes e significados.

Ao sistema de elementos formadores do “material” de que dispomos para nos comunicar Saussure deu o nome de *langue*, ou língua. Diferente da linguagem, da qual na verdade é uma somente uma parte, a língua é "ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...]" (Saussure, 2006, p. 17). Trata-se de um sistema em que seus elementos se relacionam reciprocamente.

Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos (SAUSSURE, 2006, p. 21).

[...]. Se pudéssemos abarcar a totalidade das línguas verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se do tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2006, p. 21).

A prática da fala, oposta à noção de língua, foi denominada *parole*: o emprego do sistema sócio-social em atos de fala e textos, feitos por cada indivíduo. Oposta também é a noção de generalidade da execução: “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2006, p. 21). Saussure destaca,

porém, que essa cristalização social certamente se dá sem que a massa participe ativamente do processo. Assim como quando ouvimos uma língua que desconhecemos, a parte psíquica em muito pouco participa, o lado executivo fica de fora; sendo que a execução não é realizada pela massa, mas é um ato individual: a fala.

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação [...] (SAUSSURE, 2006, p. 22).

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência no qual convém distinguir: 1.º as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2.º o mecanismo psico-físico (sic) que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2006, p. 22.).

Ou seja, diante da distinção saussuriana entre instituição (língua) e acontecimento (fala), é possível perceber que o projeto da Novafala almejado pelo Partido em 1984, incide no campo da língua. Portanto, cabe aqui fazermos uma ressalva, necessária para que prossigamos com nosso estudo. As mudanças cometidas pelo Partido da obra de Orwell (2009) têm como alvo o sistema de formas do qual a Oceânia faz uso para se comunicar; evento que cujo resultado é seu maior representante, o Dicionário da Novafala. É importante sublinhar, contudo, que a edição que nos serviu de fonte de pesquisa traz uma tradução incongruente com as acepções de Saussure (2006). O termo mais adequado seria, conseqüentemente, “Novilíngua”. Entretanto, de nenhuma maneira impede-nos de dar continuidade ao nosso trabalho⁶.

O segundo princípio da teoria saussuriana da linguagem é da linearidade do significante. Todo o mecanismo da língua depende do caráter linear, das características que o significante toma do tempo: “a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 2006, p. 84). Por sua natureza auditiva e em oposição aos significantes visuais, explica o linguista suíço que os significantes auditivos obedecem à linha do tempo, seus elementos ocorrem em sequência, um após o outro, formam uma cadeia. Essa regra se comprova na escrita, onde a linha de sucessão dos signos gráficos substitui a

⁶ Mantivemos o termo original da obra da qual nos servimos. Portanto, “Novafala”.

linha que representa a série do tempo. Nesse ponto, Saussure abre caminho para o entendimento das estruturas como relações.

Em um encadeamento linguístico, as relações e diferenças entre os termos se dão em dois campos distintos. A atividade mental que nos proporciona a comunicação está sujeita a duas formas: de um lado do discurso, os termos relacionam-se limitados ao caráter linear da língua – na extensão da cadeia, é impossível dizer mais de um elemento ao mesmo tempo. A essas combinações, Saussure chamou sintagmas, compostos sempre por duas ou mais unidades consecutivas. Colocado num sintagma, um termo só adquire valor devido ao termo que o segue, ao que o precede ou ambos. Do outro lado, estão as palavras que oferecem algo de comum associando-se à memória, estando situadas fora do discurso; essas palavras formam grupos em que são diversas as relações entre os termos internos. Saussure (2006) nos dá o exemplo da palavra portuguesa “ensino/ensinamento”, que faz surgir, inconscientemente, uma série de termos a ela vinculados por algo em comum, como “ensinar, armamento, desfiguramento, educação, aprendizagem”. Diferentes do primeiro tipo de combinação, o segundo não é pautado pela extensão linear, mas tem o cérebro como morada – constituindo a língua interior de cada indivíduo. Esse campo combinatório recebeu o nome relações associativas. “[...]. Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a grupamentos” (SAUSSURE, 2006, p. 149).

3.2 Os avanços e as contribuições de Jakobson

Roman Jakobson foi outro grande linguista a colaborar com o estruturalismo no qual se inseriu Ferdinand de Saussure. Foi um dos fundadores do Círculo Linguístico de Moscou, a partir do qual ficou conhecido, ao lado de seus colegas, como “formalistas russos”. Até a invasão nazista de seu país, viveu na Tchecoslováquia, e também participou do Círculo Linguístico de Praga. Dentre a grande variedade de sua produção, contribuiu expressivamente com o

aperfeiçoamento dos conceitos de metáfora e metonímia. Em um dos ensaios⁷ publicados na obra *Linguística e Comunicação*, Jakobson (1975) aprimorou o entendimento das relações entre as estruturas propostas por Saussure (2006). Foi além do diagnóstico clínico das afasias, ao defender um olhar que privilegiasse a investigação de quais aspectos da linguagem são afetados pelo distúrbio da fala. As deficiências de que sofrem os afásicos decorrem da incapacidade de domínio dos processos de substituição e associação. Assim, Jakobson localiza o próprio *mecanismo construtor* da linguagem. “[...]. Pode-se dizer que a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes linguísticos” (JAKOBSON, 1975, p. 38). Ou seja, linguista russo faz referência às relações associativas e sintagmáticas, respectivamente.

[...]. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical: quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum [...]. Assim, para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes (JAKOBSON, 1975, p. 37).

Estudando os afásicos dos variados tipos e subtipos, Jakobson (1975) asseverou que as dificuldades dos pacientes localizavam-se numa deficiência de operação dos eixos aos quais obedece a linguagem. Notou que pacientes acometidos diretamente na capacidade de seleção/substituição têm grandes problemas na “escolha” de palavras sinônimas e interlocuções equivalentes possíveis para formar um enunciado, para iniciar um enunciado diálogo; tratava-se de um distúrbio de similaridade. Nos casos opostos, em que os pacientes eram afetados na habilidade combinatória, a deficiência ligava-se ao contexto, ao prejuízo na capacidade de produzir enunciados; nesse distúrbio de contiguidade, as frases ficam menos extensas e variadas. Jakobson (1975) assinala, dessa forma, o caráter duplo da linguagem, em que o signo linguístico cumpre dois tipos de arranjo:

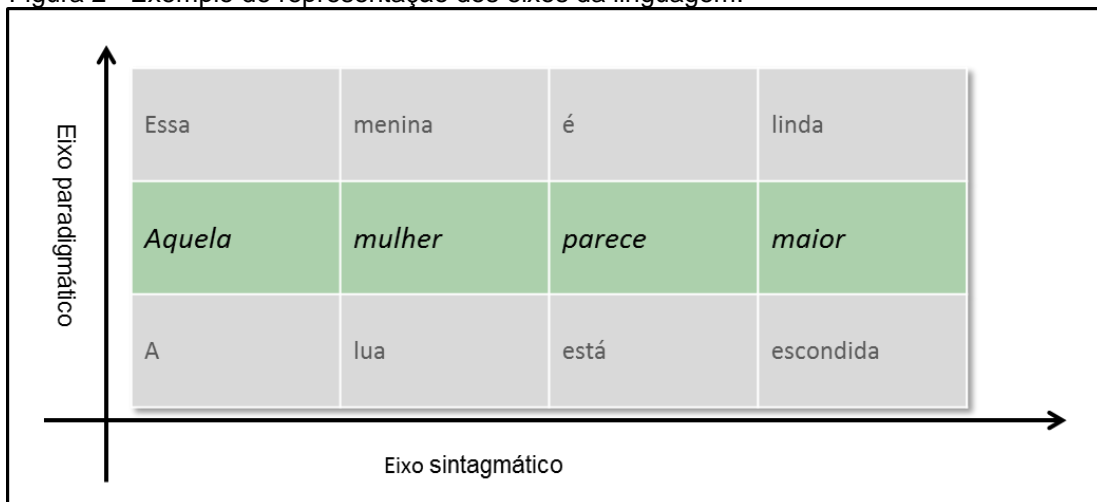
⁷ “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

1) A combinação. Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa. Segue-se daí que todo agrupamento efetivo de unidades linguísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação.

2) A seleção. Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação (JAKOBSON, 1975, p. 39-40).

A partir desse ponto, é possível imaginar e compreender a representação clássica dos eixos intelectuais fundamentais do emprego do signo linguístico:

Figura 2 - Exemplo de representação dos eixos da linguagem.



Fonte: desenho pessoal.

Como ilustra o modelo acima, assim como o signo saussuriano não se sustenta sem a relação entre significante e significado, a condição de existência da linguagem é a relação entre paradigma e sintagma. Este último concebe as múltiplas possibilidades de combinação entre palavras e frases, assim por diante, na medida em que aumenta a complexidade; o eixo vertical representa o grupo de signos relacionados entre si de numerosas maneiras, que “competem” pela inserção na elaboração da mensagem. Contrariamente ao que impera no sintagma, aos elementos de um paradigma não está imposta uma sucessão, e seu número de signos não é limitado.

Na impossibilidade de conectar elementos entre si e formar sintagmas, e no impedimento de ligar elementos escolhidos a outros do próprio paradigma – está um

dos principais avanços da teoria do pensador russo. Ao ampliar as noções de contiguidade e similaridade, metáfora e metonímia, como dissemos acima, têm seus conceitos aprofundados.

Esta dualidade tem, para Jakobson, uma grande generalidade. Estaria na base das figuras de retórica mais empregadas pela 'linguagem literária'; a metáfora (um objeto é designado pelo nome de um objeto semelhante) e a metonímia (um objeto é designado pelo nome de um objeto que lhe é associado na experiência) dependeriam respectivamente da interpretação paradigmática e sintagmática, de modo que Jakobson toma às vezes por sinônimos *sintagmático* e METONÍMICO, *paradigmático* e METAFÓRICO (DUCROT, 1998, p. 110-111, grifos dos autores).

Tomando por base os conceitos saussurianos e jakobsonianos estudados até aqui, um olhar analítico pode revelar-nos com mais clareza os procedimentos aos quais se sujeitava a Novafala em sua criação.

3.3 Novafala: aprofundamentos

Uma análise aprofundada acerca da produção da Novafala, abrangendo os mecanismos que operam na criação das palavras foi feito por Santos (2011). Em sua pesquisa, levanta as ocorrências de palavras do novo idioma do Partido em três versões da obra (a original, e outras duas traduções para o português, uma das quais a utilizada por nós). A seguir, reproduzimos, de forma adaptada, a relação de palavras feita por Santos (2011):

Figura 3 - Relação de termos em Novafala, levantados por Santos (2011).

Mini glossário de Novafala	
<i>Termo em Novafala:</i>	<i>Seu significado:</i>
Benepensante	- Qualidade de ser um ortodoxo das ideias do partido.
Brecacime	- Processo de cegueira mental que ocorre toda vez que um sujeito entra em contato com algum pensamento herético ao partido.
Crimeinterrupção	- Ato de treinar a si próprio, estimulando desde a infância, a não ouvir argumentos contrários ao regime do Grande Irmão.
Crimeideia	- Todo pensamento discordante das ideias do Partido.
Desbom	- Adjetivo que substitui palavras como “mal”, “ruim” e etc.
Despessoa	- Uma pessoa que não foi apenas morta, mas também abolida, vaporizada.
Duplipensamento	- Capacidade de conservar na mente, simultaneamente, duas ideias/crenças contraditórias e acreditar em ambas.
Diplomaisbom	- Substituto de todos os adjetivos de intensidade e de quantidade, de sentido positivo.
Falaescreve	- Aparelho eletrônico em que se dita e a fala se transformada em escrita, por uma espécie de programa de computador.
Ideocriminoso	- Pessoa que cometeu o crime de discordar das ideias do Partido.
Insemart	- Processo pelo qual ocorria a reprodução dos membros do Partido.
Miniamo	- Ministério do Amor, responsável pela manutenção da lei e da ordem.
Minipaz	- Ministério da Paz. Ministério que se ocupava da guerra.
Minipuja	- Ministério responsável pela fartura.
Miniver	- Ministério da Verdade; se ocupava das notícias, diversões, instrução e belas artes.
Novafala	- Língua oficial do governo do GI que viria substituir a língua anterior.
Patofala	- Grasnar como um pato. Em referência a um adversário, é uma ofensa; quando é sinal de concordância com alguém, é um elogio.
Pluscompleto	- Palavra que substitui excelente e esplêndido.
Pornodiv	- Subseção do Ministério da Verdade, responsável pela produção material erótico para diversão do povo.
Rostocrime – (verbo)	- Ato inapropriado de franzir o rosto, mostrando discordância frente às doutrinas advindas do partido.
Rostocrime – (subs)	- Expressão facial em desacordo com as expressões faciais possíveis determinadas pelo partido.
Socing	- Sigla que correspondia à orientação política do partido que dava sustentação ao governo da obra.
Teletela	- Espécie de televisão que era instalada na casa

Fonte: adaptada de Santos (2011).

Inteiramente atrelados aos preceitos e imperativos ideológicos do Socing, os signos cima, bem como todas as outras palavras da Novafala foram distribuídos e classificados em três novos vocabulários. Orwell (2009) refere-se a eles como Vocabulários *A*, *B* e *C*. O primeiro comportava palavras de uso cotidiano, como *comer*, *beber*, *vestir-se*, *trabalhar*, *cozinhar*. Na medida em que fosse possível, os vocábulos eram limitados a sons curtos, que expressavam *somente* um significado. Todas as *nuances* de sentido e ambiguidades estavam extintas. “[...]. Teria sido praticamente impossível usar o vocabulário *A* com propósitos literários ou em discussões políticas e filosóficas” (ORWELL, 2009, p. 349, grifo do autor). Os termos desse conjunto restringiam-se a exprimir pensamentos simples e ações físicas, ligadas a objetos concretos.

O vocabulário *B* abrangia palavras compostas, agrupadas de modo a facilitar a pronúncia. “[...]. O amálgama daí resultante era sempre um substantivo-verbo, flexionado de acordo com as mesmas regras válidas para os vocábulos comuns” (ORWELL, 2009, p. 352). O autor fornece o exemplo da palavra *bompensar*, cujo significado geral era o de ortodoxia, ou mesmo “pensar de forma ortodoxa”. Flexionado, o termo assumia formas como *benepensar* (substantivo-verbo); *benepensado* (particípio), *benepensando* (gerúndio), *benepensivo* (adjetivo), *benepensadamente* (advérbio), *benepensador* (substantivo deverbal). É no vocabulário *B* em que estão as palavras com significado mais sutil, podendo ser entendido e apreendido por somente aqueles que de fato dominassem o idioma. Os compiladores do dicionário de Novafala tinham como preocupação não o ato de “[...] inventar palavras novas, mas, tendo-as inventado, certificar-se de seu significado; isto é, certificar-se de quais universos de palavras estavam extinguindo com suas criações” (ORWELL, 2009, p. 354). Exemplo disso é o termo *crimepensar*, que continha os sentidos de igualdade e liberdade, antes existentes todas as palavras passíveis de comportá-los. Há, ainda, exemplos como os de *benesexo* (castidade, com a única exceção de praticar sexo para fins de procriação) e *sexocrime* (imoralidade sexual). Este último transportava e transmitia sozinho, todas as transgressões sexuais, o que incluía homossexualidade, adultério, sexo por prazer, entre outros. A última classe de vocábulos, de nome *C*, enumerava termos técnicos e científicos. Haviam passado pelo processo de eliminação de significados *indesejáveis*, e seguiam as mesmas regras gramaticais dos outros dois vocabulários.

“[...] Os cientistas e técnicos encontravam todas as palavras de que necessitavam na lista dedicada a sua especialidade [...]” (ORWELL, 2009, p. 358).

Santos (2011) identifica dois artifícios dentro da metodologia de fabricação do novo idioma de Oceânia, responsáveis pelo encurtamento da capacidade de pensamento e expressão: a composição e a derivação de palavras.

O processo de composição de palavras é o processo de formação lexical pelo qual a criação de uma palavra de significado único e constante, ocorre sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Destarte, os compostos são dois (ou mais) elementos identificáveis pelo falante, numa unidade nova de significado única e constante (SANTOS, 2011, p. 160).

Ademais, o autor assinala que todas as palavras em Novafala formadas por composição, ocorrem por aglutinação, "processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais" (SANTOS, 2011, p.160). Dessa forma, termos como *benepensante*, *negribranco*, *crimedeter*, *crimideia*, *miniver*, *minipaz*, *vidaprópria* são alguns dos exemplos. O segundo processo, a derivação, consiste na utilização de prefixos e sufixos na formação de palavras. Termos como *benepensante*, *desbom*, *despessoa* enquadram-se no caso. Ainda, a técnica básica de redução de alguns antônimos era baseada na opção por algum dos termos e, ao escolhido, acrescentar o prefixo de negação *des/in/im*. “[...] Assim, eliminar-se-ia o seu oposto, ou seja, ao escolher a palavra claro eliminar-se-ia a palavra escuro, pois a ideia de escuro passaria a ser exprimida pela palavra Inclaro ou Desclaro” (SANTOS, 2011, p. 166). Composição e derivação mostram-se, deste modo, como evidências do que apontaram Saussure (2006) e Jakobson (1975): os dois mecanismos destacam a operação das relações de similaridade e contiguidade.

Também encontramos tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas no nível da morfologia ou estrutura da palavra. Um substantivo é parcialmente definido pelas combinações em que pode entrar com prefixos e sufixos. [...]. As possibilidades combinatórias representam relações sintagmáticas; as relações paradigmáticas devem ser encontradas no contraste entre um determinado morfema e aqueles que o poderiam substituir num determinado ambiente [...] (CULLER, 1979, p. 39-40).

O objetivo do partido oceânico era alcançar um idioma monossêmico. A cada edição do dicionário oficial da língua, ela diminuía em tamanho, mais sentidos eram

eliminados e a extensão semântica encurtava, como nos mostraram Orwell (2009) e Santos (2011).

[...]. Todos os nomes de organizações, grupos de pessoas, doutrinas, países, instituições ou edifícios públicos eram encurtados da maneira habitual, isto é, encurtados de modo a formar uma só palavra, de pronúncia fácil, e com o menor número de sílabas capaz de preservar sua derivação original [é o caso, por exemplo, do nome do ministério em que Winston trabalha – o *Miniver* – e de seu departamento, o *Dereg*, Departamento de Registros] [...]. Observou-se que tais abreviações estreitavam e modificavam sutilmente o sentido das palavras originais, eliminando a maior parte das associações que de outra forma se manteriam vinculadas a elas [...] (ORWELL, 2009. p. 355-356).

Para isso, os esforços concentravam-se na manipulação do paradigma, o eixo de seleção e substituição. Reduzir capacidade de expressão significa, de um lado, alterar a gama de termos disponíveis como equivalentes ou substitutos possíveis uns dos outros. Do outro, eliminar e redistribuir as relações associativas (para usar a expressão saussuriana), de modo que em um significante, por exemplo, estivessem contidos os significados desejados. Finalmente, com a operação metafórica anulada quase por completo, o pensamento herege estaria extinto.

[...]. De fato, a única maneira de usar o idioma Novafala com propósitos heréticos seria traduzir espuriamente algumas palavras para a Velhafala. Era possível, por exemplo, formular em Novafala a frase: *Todos os homens são iguais*. Mas tala afirmação corresponderia semanticamente à seguinte frase em Velhafala: *Todos os homens são ruivos*. Embora não contivesse nenhum erro gramatical, a frase *Todos os homens são iguais* exprimia uma inverdade palpável, a saber, que todos os homens têm a mesma altura, o mesmo peso ou mesmo vigor. O conceito de igualdade política não existia mais e, em consonância com isso, esse significado secundário tinha sido expurgado da palavra *igual* [...] (ORWELL, 2009. p. 359, grifos do autor).

A língua ideal seria a consolidação do projeto mais impetuoso do Partido para garantir sua permanência no poder. Abolida a Velhafala, a reescrita do passado estaria concluída e, com o novo idioma, o pensamento humano estaria inequivocamente nas mãos do Partido, bem como o controle da realidade.

4 A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA E A PSICOLOGIA DOS GRUPOS

4.1 O manifesto de La Boétie

As imposições e o modo de vida levado pelos cidadãos de Oceânia assemelham-se ao que experimentaram alguns países, sob o jugo de ditadores da história mundial. Para o leitor de *1984*, o totalitarismo que se estende sobre a população certamente é uma das características mais notáveis e polêmicas da obra.

[...]. Em princípio, os membros do partido não dispunham de tempo livre e só ficavam sozinhos quando estavam na cama. Supunha-se que quando não estivessem trabalhando, comendo ou dormindo estariam participando de algum tipo de recreação comunitária; fazer alguma coisa que sugerisse gosto pela solidão, mesmo que fosse sair para dar uma volta sozinho, sempre envolvia algum risco [...] (ORWELL, 2009, p. 102).

Muito antes, porém, o pensador francês Etienne De La Boétie levantava questões e refletia a respeito da tirania e sua “aceitação” por parte do povo oprimido. Morto em 1563, foi pioneiro ao traçar linhas por sobre o que depois Le Bon e Freud chamariam de psicologia das multidões, e psicologia das massas, respectivamente.

No *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*, La Boétie afirma, logo no início, que não há maior infortúnio do que haver um chefe a sujeitar-nos, “nunca se pode confiar na bondade dele e só dele depende o ser mau quando assim lhe aprouver” (LA BOÉTIE, 2004, p. 2). Não admite motivo ao fato de que o tirano aja prejudicialmente contra o povo, e este opte pela aceitação significativamente pacífica e assentida, em vez de contradizê-lo.

Digno de espanto, se bem que vulgaríssimo, e tão doloroso quanto impressionante, é ver milhões de homens a servir, miseravelmente curvados ao peso do jugo, esmagados não por uma força muito grande, mas aparentemente dominados e encantados apenas pelo nome de um só homem cujo poder não deveria assustá-los, visto que é um só, e cujas qualidades não deveriam prezar porque os trata desumana e cruelmente (LA BOÉTIE, 2004, p. 3).

Ao longo do texto, retoma a história da humanidade até aquele momento e demonstra, baseando-se nos gregos, romanos, hebreus e egípcios, que estes povos se sujeitaram aos seus governos. Em outras palavras, La Boétie ocupa-se da gênese da opressão exercida pelos poderosos, conclui que a dominação é

sustentada e legitimada pelos dominados, condicionada aos dispostos a servir cegamente a um soberano cruel e terrorista. Coloca-nos diante da constatação de que, se sofremos com o descaso, desigualdade e sentimos o peso da mão impiedosa do Estado, é porque permitimos que assim seja; *escolhemos essa condição*. Voluntariamente, nos dispomos na posição de servos. Ricardo Salztrager chama nossa atenção ao que considera a maior originalidade do manifesto: La Boétie justapõem dois signos em relação paradoxal para conceber a ideia de uma

[...] submissão que, em si, jamais é forçada. Ou seja, a obediência dos oprimidos é sempre consentida e apenas a junção destes termos explica como alguns poucos conseguem dominar e explorar uma sociedade inteira por tanto tempo (SALZTRAGER, 2011, p. 178).

O povo subjugado é seu próprio algoz, posto que é, ele mesmo, responsável pela manutenção do sistema e perpetuação da tirania. “[...] Suportar a pilhagem, as luxúrias, as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros, contra os quais dariam o sangue e a vida, mas de um só? [...]” (LA BOÉTIE, 2004, p. 4). Questiona o autor se essa realidade se trataria de um vício, mas não encontra respostas admissíveis. Mesmo um vício possui limites, e se uma ou mais pessoas podem temer a somente uma, não é devido puramente à covardia o fato de milhões curvarem-se e não se defenderem de um só indivíduo. Ao povo bastaria apenas recusar-se a servir, renunciar a condição que lhe é imposta, sem ser necessário luta armada ou revolta combatente. Contudo, as pessoas agem como se houvessem esquecido a existência da liberdade, como se não a desejam por ser algo simples de obter. No início, servem “com constrangimento e pela força; mas os que vêm depois, como não conheceram a liberdade nem sabem o que ela seja, servem sem esforço e fazem de boa mente o que seus antepassados tinham feito por obrigação” (LA BOÉTIE, 2004, p. 12). A dominação só alcança esse modelo por meio da força e porque engana o seu povo. Ludibriado, não possui parâmetros de comparação para sequer suspeitar se, antes do tempo presente, seus antepassados gozaram de algum direito à liberdade – condição tida pelo pensador francês como natural e universal do ser humano. Argumento este reafirmado por Orwell (2009) quando verifica que as massas não se rebelam por conta da opressão e nem por iniciativa própria, pois que “[...] enquanto não lhes for permitido contar com termos de comparação, elas nunca chegarão sequer a dar-se conta de que são oprimidas [...]”

(ORWELL, 2009, p. 244). O Partido alcança esse projeto, fundamentalmente, por meio das práticas que alteram o passado atualizando-o a cada momento; além da técnica do duplipensamento, como vimos.

De acordo com o manifesto de La Boétie, a *servidão voluntária* nasce de três raízes. A primeira, citada acima, é o hábito; ensinados a servir, perdemos o senso de questionamento e aos poucos nos acostumados, conformados, à sujeição. A segunda razão é covardia, que coloca-nos apáticos diante da realidade, nos subtrai a força reativa e combativa de lutar pela liberdade. Em auxílio, estão as precauções para manter o engodo, fornecendo alguma diversão e entretenimento às massas.

[...]. Havia uma série de departamentos dedicados a especificamente à literatura, à música, ao teatro e ao entretenimento proletário em geral. Ali eram produzidos jornais populares contendo apenas e tão somente esportes, crimes e astrologia, romances sem a menor qualidade, curtos e sensacionalistas, filmes com cenas e mais cenas de sexo, e canções sentimentais compostas de forma totalmente mecânica por uma modalidade especial de caleidoscópio conhecido como versificador. Havia inclusive uma subseção inteira – *Pornodiv* era seu nome em Novafala – dedicada à produção do tipo mais grosseiro de pornografia [...] (ORWELL, 2009, p. 57-58, grifo do autor).

Estas são, para La Boétie (2004), ferramentas da dominação e armadilhas perfeitas da ilusão de servidão. Ainda mais, coloca a religião e o estatuto de obra divina como justificativas do poder. Por fim, a origem da servidão se completa com o desejo de participação no governo do tirano (na opinião do autor, causa mais importante do que as duas anteriores). Não são os exércitos, as armas que protegem o governante, mas aqueles poucos que o rodeiam, de perto. Esses, em quem o déspota mais confia, são os encarregados diretos da sujeição popular. “Sempre foi a uma escassa meia dúzia que (sic) o tirano deu ouvidos, foram sempre esses os que lograram aproximar-se dele ou ser por ele convocados, para serem cúmplices das suas crueldades [...]” (LA BOÉTIE, 2004, p. 24). Hierarquicamente, esses seis possuem muitos outros abaixo deles, estes últimos estando ainda acima de tantos outros, numa sequência quase interminável. Aqui se revela outro ponto crucial do texto la boetiano, e importante contribuição para nosso estudo: quando um soberano manifesta ser um autocrata, passam a orbitar em torno dele aqueles tão ambiciosos e avarentos quanto o próprio. Têm como plano estratégico conseguir participar do despotismo, assumindo também o papel de subjugadores dos que estão logo abaixo do cargo conquistado. Vêm participar do regime e assim atuarem,

inclusive, no fortalecimento e garantia da vida eterna do sistema. Como é assinalado em outra passagem de *1984*, em que um personagem do núcleo do Partido esclarece para Winston, após tê-lo capturado: “[...]. O Partido não está preocupado com a perpetuação de seu sangue, mas com a perpetuação de si mesmo. Não importa *quem* exerce o poder, contanto que a estrutura hierárquica permaneça imutável” (ORWELL, 2009, p. 247, grifo do autor).

4.2 Freud e a psicologia de grupos

Sigmund Freud foi um médico austríaco que estudou neurologia, e posteriormente ampliou e sistematizou seus estudos, vindo a fundar a Psicanálise: método clínico para investigação e compreensão da psique humana, um dos modos pelos quais é possível analisar – e tratar – particularidades e vicissitudes do funcionamento e do comportamento da mente. Nas palavras do próprio autor,

[...] é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, Dois verbetes de enciclopédia, 1923[1922], p. 135).

Entre seus mais proeminentes trabalhos está *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, de 1921. Produzida sob a tensão da Primeira Grande Guerra, esta obra marca o interesse de Freud pela formação e funcionamento de grupos humanos. Delineia o comportamento coletivo tendo por base a Igreja e o Exército, instituições de porte e influência notadamente determinantes na vida em sociedade, exigentes de subordinação e obediência. Assim, ao examinar a realidade de servidão do ego, Freud resulta na psicologia do que também se pode chamar de rebanhos, multidões, massas. Perseguiu a resposta para o questionamento de por que, quando numa massa, o indivíduo age de maneira tão diversa de quando está sozinho; como é possível o comportamento humano se modificar quando se está inserido num grupo. Interesse semelhante motivou La Boétie, como verificado acima.

Grupos de pessoas formam-se e desfazem-se muito frequentemente, com uma facilidade bastante grande, sob uma variedade também significativa de lugares e contextos. As características constituintes desses grupos também foram

responsáveis pelo interesse de pensadores anteriores a Freud (1921). Le Bon – autor de *Psicologia das Multidões*, e grande estudioso do tema do comportamento coletivo – já apontara:

[...]. Sabemos hoje que um indivíduo pode ser posto num estado em que, perdida a sua personalidade consciente, obedece a todas as sugestões do operador que lhe fez perder e comete atos totalmente contrários ao seu caráter e aos seus hábitos. Observações cuidadosas parecem provar que o indivíduo mergulhado durante algum tempo no seio de uma multidão em atividade, e em consequência dos eflúvios que dela se desprendem, ou por qualquer outra causa ainda desconhecida, depressa se encontra num estado característico que muito se assemelha com o estado de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador (LE BON, 1895, p. 12).

A referida fascinação parece ser responsável pelo estado que o ser humano assume ao ser integrante de um grupo/multidão. É de chamar-nos a atenção a descrição de Le Bon sobre a condição na qual o homem, dentro de um grupo, então se encontra:

Só pelo fato de pertencer a uma multidão, o homem desce vários graus na escala da civilização. Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo [ou melhor, pulsional], por consequência, um bárbaro. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos e a eles se assemelha ainda pela facilidade com que se deixa impressionar pelas palavras e pelas imagens e se deixa arrastar a atos contrários aos seus interesses mais elementares. O indivíduo em multidão é um grão de areia no meio de outros grãos que o vento arrasta a seu bel-prazer (LE BON, 1895, p. 13).

Acerca disso, Freud (1921) nos mostra que, bem como na hipnose e nos sonhos, as operações mentais de um grupo são prejudicadas, ao ponto em que a força dos impulsos puros de desejo, com sua concentração de energia mental, ganha o primeiro plano em comparação à capacidade de averiguação da realidade. Freud baseia-se bastante nas proposições de Le Bon, ambos estão em busca das causas das mudanças subjetivas do ser humano pertencente a um grupo. Dessa forma, concorda com o que diz Le Bon, completando:

[...] o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com frequência constitui profunda alteração em sua atividade mental. Sua submissão à emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo; e esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições aos instintos [ou melhor, pulsões] que são peculiares a

cada indivíduo, e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especialmente suas [...] (FREUD, 1921, p. 49).

Le Bon enumera os princípios da sugestão e do contágio como fontes das alterações psíquicas em um grupo. Para ele, à sugestão cabe o poder de influenciar os ânimos da mente coletiva, para agitá-la ou apaziguá-la. Levaria a sugestão, então, ao próximo passo, o do contágio; os participantes do grupo, ao verificarem uma emoção em algum companheiro, compartilham daquele sentimento e o fazem propagar-se. Freud adere à existência do contágio, mas suas práticas com a hipnose lhe ensinaram que “é possível se resistir à sugestão e, se tal capacidade de resistência é reduzida nas massas fazendo instaurar o contágio, isto deve se dar por outros fatores” (SALZTRAGER, 2011, p. 181). Percorre os estudos de autores anteriores e percebe não ser possível fugir da “sugestionabilidade” como fator distintivo especial de cada grupo. Freud opta pela alternativa de derivar a dinâmica psicológica grupal “da própria estrutura libidinal dos grupos e da idealização à figura do líder” (SALZTRAGER, 2011, p. 181). Ao afirmar que “uma simples reunião de pessoas não constitui um grupo enquanto [...] laços não se tiverem estabelecido nele; [e que] em qualquer reunião de pessoas a tendência a formar um grupo psicológico pode muito facilmente vir à tona” (FREUD, 1921, p. 56), o criador da psicanálise aponta para o componente psíquico efetivo ligado ao estabelecimento desses laços, e que se propõe a explicar e esclarecer como os comportamentos humanos descritos anteriormente são possíveis. A seguir.

4.2.1 O sentimento de grupo

Na formação de grupos, destacou Freud que o estabelecimento de laços libidinais responde pela manutenção e coesão dos integrantes. Tais laços são o que *caracteriza* um grupo e *causam* suas mudanças subjetivas – e se verificam devido ao processo de identificação. Freud (1921) esclarece que libido é a energia proveniente das pulsões⁸ que se relacionam com o que chamamos de amor, mas

⁸ Em nosso trabalho, permanece inalterada a tradução do termo alemão *Trieb* como “instinto”, nas citações colhidas da obra de Freud (1921). Contudo, é necessário salientar que a tradução mais fiel e adequada ao conceito empregado por Freud (1921) é representada por “pulsão”- devendo essa palavra, portanto, ser lembrada quando nos depararmos com o texto freudiano original. Em português, “instinto” é a palavra equivalente ao vocábulo alemão “Instinkt”. “[...]. Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser

que naturalmente consiste no amor sexual, cujo objetivo é a união sexual. Contudo não exclui o amor pelos pais, filhos, a amizade, nem mesmo a ideias abstratas e objetos concretos.

Nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo, embora sempre conservem o bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade [...] (FREUD, Sigmund, 1921 p. 51).

Junto a isso, nos grupamentos humanos sucede uma regressão do estado mental grupal, uma vez que

[...] o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com frequência constitui profunda alteração em sua atividade mental. Sua submissão à emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo; e esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições aos instintos [ou melhor, pulsões] que são peculiares a cada indivíduo, e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especialmente suas. Aprendemos que essas consequências, amiúde importunas, são, até certo ponto pelo menos, evitadas por uma 'organização' superior do grupo, mas isto não contradiz o fato fundamental da psicologia de grupo: as duas teses relativas à intensificação das emoções e à inibição do intelecto nos grupos primitivos [...] (FREUD, 1921, p. 49, grifo nosso).

O indivíduo parece ver sua singularidade se dissipar, cujo efeito é que ele aja igualmente aos outros membros do grupo, e assuma um estado em que pode, inclusive, se ver conduzido com menor esforço (Salztrager, 2011). Com efeito, a realidade social imaginada por Orwell em sua obra reflete a constatação freudiana, como na passagem seguinte:

[...]. De certa maneira, a visão de mundo do Partido era adotada com maior convicção entre as pessoas incapazes de entendê-la. Essas pessoas podiam ser levadas a acreditar nas violações mais flagrantes da realidade porque nunca entendiam por inteiro a enormidade do que se solicitava delas, e não estavam suficientemente interessadas nos acontecimentos públicos para perceber o que se passava. Graças ao fato de não entenderem, conservavam a saúde mental. Limitavam-se a engolir tudo, e o que engoliam não lhes fazia mal, porque não deixava nenhum resíduo, exatamente como um grão de milho passa pelo corpo de uma ave sem ser digerido (ORWELL, 2009, p. 187).

reperoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia" (PLON, 1998, p. 629).

A descoberta da *explicação psicológica* (na expressão de Freud) da alteração mental observada em um grupo é pelo que ele se interessa. A existência de laços libidinais é fundante, e mantém coesas as conexões que os integrantes do grupo criam entre si. “Ou seja, a massa se forma pelo poder de Eros e o sujeito abandona sua singularidade e permite por ela influenciar-se devido à necessidade de se estar em harmonia com os outros.” (SALZTRAGER, 2011, p. 181).

Freud sublinha as distinções entre diferentes tipos de grupos, como serem homogêneos ou formados por tipos variados de indivíduos; efêmeros ou de extensa duração; possuírem líderes em oposição aos que não os possuem; serem naturais e ou artificiais (dupla à qual o autor concede ênfase e preferência em sua obra). As Igrejas e os exércitos são os principais exemplos de Freud para os grupos artificiais e liderados, além de serem os que contam com enorme solidez e permanência no tempo. Têm sua eficácia e estabilidade garantidas por uma força externa, e são austeros no que se refere ao ingresso e saída de indivíduos em seus limites – além da imposição de punições bastante severas aos desertores. “[...]. O apoio destas instituições em determinadas tradições acaba por lhes proporcionar certa estabilidade e, por isto, elas se configuram como objetos de respeito por parte do corpo social [...]” (SALZTRAGER, 2011, p. 182-183). Em ambas, Freud observou que a posição central do líder supremo na estrutura cria a ilusão de que todos os integrantes do grupo são por ele amados de maneira igual. Assim, Cristo coloca-se como um “[...] bondoso irmão mais velho; é seu pai substituto. Todas as exigências feitas ao indivíduo derivam desse amor de Cristo” (FREUD, 1921, p. 52-53). Ainda que hierarquizados de maneira mais explicitamente demarcada, nos exércitos ocorre a mesma segurança experimentada pelos membros da instituição; o chefe supremo é um pai que ama uniformemente a todos, que por isso se tornam camaradas – papel desempenhado por cada chefe de companhia em relação aos seus inferiores. O texto de Freud ainda atenta-nos para o fato de que, nos grupos citados, os laços libidinais unem cada indivíduo, por um lado, ao líder; do outro lado, aparecem ligados aos seus companheiros de círculo. O segundo elemento da dupla analisada, nos traz aqueles grupos formados espontaneamente e mais ou menos estáveis; fenômenos de massa, nas palavras de Salztrager,

[...] organizações passageiras ou modismos que se formam a partir de uma aspiração ou desejo em comum da parte de seus membros. Neles, valoriza-

se mais o tempo presente e, mesmo quando uma tradição é evocada, é apenas com o propósito de justificar a interação momentânea [...] (SALZTRAGER, 2011, p. 183).

Um olhar freudiano para as Redes Sociais Digitais lança luz sobre como as mesmas pouco diferem do que se manifesta nas formações grupais fora da virtualidade da Internet. Uma aproximação entre o que nos diz La Boétie e a psicologia freudiana de grupos pode nos mostrar como, na atualidade, rapidamente emergem e se dissolvem grupos de indivíduos, principalmente no ambiente virtual. Antes, é importante nos debruçarmos por um tempo sobre o conceito que está, para Freud, no seio do nascimento de grupos e na sua manutenção. No núcleo da cristalização dos laços libidinais, está a identificação.

4.2.2 Identificação

É o conceito pelo qual se define a mais remota e essencial demonstração de um laço emocional entre duas pessoas, e o principal ponto de interesse no estudo da psicologia de grupos. “Longe de ligar dois indivíduos distintos, transformando-se um deles no outro, a identificação se produz, ao contrário, no espaço psíquico de um único e mesmo indivíduo [...] (NASIO, 1997, p. 100).” Na realidade, a identificação se dá no espaço e âmbito do inconsciente – lugar impessoal e desconhecido pelo indivíduo, inacessível pela percepção dos sentidos – entre as instâncias do eu e do objeto. Como esclarece Nasio (1997), o desafio freudiano do conceito de identificação encontra-se nesse ponto, o de nomear o processo inconsciente empreendido pelo eu, no qual ele se transforma num aspecto do objeto⁹.

No início do desenvolvimento do complexo de Édipo, a identificação cumpre um papel de ampla importância:

⁹ [...]. Primeiro, a palavra objeto não designa a pessoa exterior do outro, ou aquilo em sua pessoa que me é dado perceber conscientemente, mas a representação psíquica inconsciente desse outro. Na verdade, para sermos mais exatos, sejamos mais restritivos e matizemos nossas colocações. Estritamente falando, o objeto designa outra coisa que não a representação psíquica *do* outro, entendida como sendo o vestígio de sua presença viva inscrito em meu inconsciente. O termo objeto designa, verdadeiramente, uma representação inconsciente *prévia* à existência de outrem, uma representação que já se acha ali e na qual virá escorar-se a realidade externa da pessoa do outro ou de qualquer de seus atributos vivos. Com todo o rigor, não existem no inconsciente representações *do* outro, mas apenas representações inconscientes, impessoais, por assim dizer, à espera de um outro externo que venha ajustar-se a elas (NASIO, 1997, p.102-103, grifos do autor).

[...]. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina-se muito bem com o complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar.

Ao mesmo tempo que (sic) essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia¹⁰ de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo [anaclítico] de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que o toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe. Sua identificação com eles assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém [...] (FREUD, 1921, p. 58).

O conceito de identificação não significa uma imitação, pois ela “[...] é, primeiro, um vínculo afetivo (identificação primária), depois um substituto de um vínculo sexual (identificação regressiva) e, por último, uma capacidade de viver 'por contágio psíquico' uma situação dramática [...]” (NASIO, 1997, p. 121). Difere de fenômenos de semelhança, como a imitação psicológica, que transparecerem claramente suas causas, por somente ser percebida de maneira indireta. Freud (1921) esclarece, ainda, que a ligação do laço libidinal ao sujeito ou ao objeto determina, no caso do menino, sua relação com o pai. Escolhido como objeto, o filho deseja possuir/ter o pai, enquanto na identificação a criança o tem como modelo, quer ser o pai. A identificação pode, ainda, aparecer no lugar da escolha de objeto, e esta pode regredir para identificação; como o exemplo da garotinha cujo sintoma é imitar a tosse da mãe, porque se identifica com ela, deseja tomar o lugar dela, ao passo que o sintoma anuncia a escolha do pai como objeto; e caso de Dora, que imitava a tosse do pai, da pessoa amada. Um terceiro caso exposto por Freud decorre de quando a identificação baseia-se na “[...] possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação [...]” (FREUD, 1921, p. 59): a identificação se demonstra por meio de um sintoma, construída sobre o ponto comum entre o ego produtor do sintoma e o que percebe uma semelhança com ele, explica-nos o estudioso. Quando da perda do objeto possuído e amado, Freud notou o largo

¹⁰ Significa uma concentração da energia psíquica proveniente de uma pulsão, em uma representação mental inconsciente ou não.

sofrimento pelo qual passa o ego. Compreendeu que, na verdade, as censuras e autocríticas vividas pelo ego eram direcionadas, na verdade, ao objeto. Dizeres seus que ficaram famosos, de que “*a sombra do objeto caiu sobre o ego*”, revelam o que houve: a introjeção do objeto no ego. Este último aparece dividido, onde uma instância é que recebeu a introjeção do objeto, e a outra assume função de significativa cobrança sobre a primeira. Essa (re)configuração psíquica é bastante conhecida por nós, sob o nome de melancolia. Diferentemente de como ocorre no quadro melancólico, se o líder de um grupo se deparar com a desvalorização de seus predicados, assiste à dissolução do grupo. Situa-se a causa na quebra dos laços libidinais dos membros entre si e com seu líder, comprometendo diretamente a estrutura de sustentação grupal, e trazendo à tona o fenômeno do pânico. “A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, [...]. O grupo desvanece-se em poeira” (FREUD, 1921, p. 55).

O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual [ou melhor, pulsão]. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço (FREUD, 1921, p. 60).

Nesse momento, podemos perceber que um grupo se funda a partir de um laço que une os membros justamente pela existência de um atributo emocional comum. Essa característica, como veremos, está localizada no líder do grupo.

[...] fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de ‘ideal do ego’ e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de autossuficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego [...] (FREUD, 1921, p. 61).

Na infância indivíduo aprende, via complexo de Édipo, que não terá acesso ao progenitor que almeja alcançar. A repressão que instala faz com que tenha que renunciar à grande parte dos desejos sexuais infantis que alimentava em relação a

um dos pais. Freud (1921) comenta que a criança ainda permanece ligada aos pais, porém os desejos dela são designados como “inibidos em seu objetivo”, no termo freudiano. De maneira geral, o arrefecimento provocará aparecimento de emoções nomeadas de “afetuosas”. Durante a puberdade, impulsos com objetivos diretamente sexuais ganham força e têm de dividir espaço com os anseios afetuosos. Quando está amando, porém, o sujeito assiste ao “fenômeno da supervalorização sexual: o fato de o objeto amado desfrutar de certa liberdade quanto à crítica, e o de todas as suas características serem mais altamente valorizadas do que as das pessoas que não são amadas” (FREUD, 1921, p.62). O objeto desfruta de um tratamento dado ao próprio ego, se beneficiando de uma valorização significativa, ficando longe da vista da consciência e de suas críticas – assume, enfim, o lugar do *ideal do ego*. Esse mau julgamento quanto ao objeto é causado pela idealização. Na realidade de um grupo, ela também contribui para o enfraquecimento da tomada pessoal de atitude do sujeito pertencente.

Freud promove um refinamento de sua visão sobre indivíduo perante um grupo, quando defende que o homem é “[...] um animal de horda, uma criatura individual numa horda conduzida por um chefe” (FREUD, 1921, p. 68). Desenvolve o conceito do mito científico da *horda primeva* para encontrar as fundações que estão na base do arranjo humano em grupos. Conta-nos ele: miticamente, um grupo primeiro lançou as bases das reuniões de indivíduos, em que o líder (pai) era livre e gozava de poderes absolutos sobre todas as mulheres do bando. Superior, tinha nas mãos todo o poder e era “imune” aos laços que uniam os membros do grupo; seus atos não careciam de consulta aos outros e tinham força de lei. Possuía privilégios legitimados pela interdição imposta aos outros membros (filhos) “de satisfazer seus impulsos diretamente sexuais; forçara-os à abstinência e, conseqüentemente, aos laços emocionais com ele e uns com os outros, que poderiam surgir daqueles de seus impulsos antes inibidos em seu objetivo sexual” (FREUD, 1921, p. 69). O pai primevo, porém, não era imortal. Era substituído por um dos filhos quando morria. Mesmo longo, trecho abaixo traz detalhes ilustrativos sobre a história do pai mítico. Vejamos:

[...]. Ele foi posteriormente exaltado como criador do mundo, e com justiça, porque produzira todos os filhos que compuseram o primeiro grupo. Era o ideal de cada um deles, ao mesmo tempo temido e honrado, o que conduziu mais tarde à ideia do tabu. Esses numerosos indivíduos acabaram por se

agrupar, mataram-no e despedaçaram-no. Ninguém do grupo de vitoriosos podia tomar o seu lugar, ou, se algum o fez, retomaram-se os combates, até compreenderem que deviam todos renunciar à herança do pai. Formaram então a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições totêmicas que se destinavam a preservar e a expiar a lembrança do assassinato. No entanto, a insatisfação com o que fora conseguido ainda permanecia e tornou-se fonte de novos desfechos. As pessoas que estavam unidas nesse grupo de irmãos gradualmente chegaram a uma revivescência do antigo estado de coisas, em novo nível. O macho tornou-se mais uma vez o chefe de uma família e destruiu as prerrogativas da ginecocracia que se estabelecera durante o período em que não havia pai. Em compensação, ele, nessa ocasião, pode ter reconhecido as divindades maternas, cujos sacerdotes eram castrados para a proteção da mãe, segundo o exemplo que fora fornecido pelo pai da horda primeva. Contudo, a nova família era apenas uma sombra da antiga; havia um grande número de pais e cada um deles era limitado pelos direitos dos outros (FREUD, 1921, p. 75).

Acrescenta o autor, ainda, que era a visão do soberano que guardava poderes e influência sobre os povos primitivos. Posteriormente alcançada a condição de deus, sua presença teve os contornos ampliados. Lugar que procura ocupar o Grande Irmão da obra de Orwell, ao diversificar os suportes de seu aparecimento.

[...]. Nas moedas, nos selos, nas capas dos livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços e cigarro – em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. Dormindo ou acordada, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama – não havia saída. Com exceção dos poucos centímetros que cada um possuía dentro do crânio, ninguém tinha nada de seu (ORWELL, 2009, p. 38-39).

Ou seja, encontramos no mito a raiz persistente da organização social humana, demarcada por toda sua história, sem cessar. É essencial para nossa pesquisa a fórmula a que chega Freud sobre a composição libidinal dos grupos,

[...] ou, pelo menos, de grupos como os que até aqui consideramos, ou seja, aqueles grupos que têm um líder e não puderam, mediante uma ‘organização’ demasiada, adquirir secundariamente as características de um indivíduo. *Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego* (FREUD, 1921, p. 64-65, grifos do autor).

Atingimos, nesse momento, o ponto de confluência entre as proposições precursoras de La Boétie e das descobertas psicanalíticas quase 400 anos mais novas. Novamente, Ricardo Salztrager vem em nosso auxílio. Seu texto nos recorda

que Freud localizava a manifestação do contágio nos laços libidinais do grupo e na idealização ao líder, opondo-se à visão de que a massa transforma tão intimamente seu integrante.

[...]. Pelo contrário, toda a discussão parece convergir para a circunscrição de certo voluntarismo dos sujeitos em deixar-se levar pelas massas, o que, em muito, se assemelha à argumentação de La Boétie. Ou seja, trata-se aqui também, do estabelecimento de uma espécie de servidão voluntária que se instaura pela necessidade de se estabelecer laços e pela iniciativa por obedecer àquele que se idealiza (SALZTRAGER, 2011, p. 181).

Além disso, de acordo com Freud (1921), a sugestão e todos os mecanismos de coerção remetem para a horda primeva. De acordo com suas palavras, a posição de líder ainda concentra o papel de pai da horda, o grupo ainda anseia por obedecê-lo; o indivíduo do grupo permite ter seu ego comandado não mais pelo ideal do ego (agora suplantado), mas pelo ideal do grupo, o pai primevo (Freud, 1921).

[...]. A seleção do líder é muitíssimo facilitada por essa circunstância. Com frequência precisa apenas possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados sob uma forma pura, clara e particularmente acentuada, necessitando somente fornecer uma impressão de maior força e de mais liberdade de libido. Nesse caso, a necessidade de um chefe forte frequentemente o encontrará a meio caminho, e o investirá de uma predominância que de outro modo talvez não pudesse reivindicar. Os outros membros do grupo, cujo ideal do ego, salvo isso, não se haveria corporificado em sua pessoa sem alguma correção, são então arrastados com os demais por 'sugestão', isto é, por meio da identificação (FREUD, 1921, p. 72).

Muito embora devido a motivos políticos, econômicos e especialmente ideológicos – em primeiro plano – a emergência dos superestados e a organização dos alicerces da realidade social de Oceânia beneficiaram-se das estratégias de servidão enumeradas por La Boétie; além da determinante influência vinda do processo psíquico da identificação, principal componente da mente grupal.

Sem almejarmos atingir as categorias freudianas da identificação (total e parciais) e as diferentes maneiras de averiguar a adequação – ou não – ao ideal do ego, nosso estudo intenta tomar a aproximação entre La Boétie e Freud como aliada na expressão de tal fenômeno inclusive na construção de grupos em algumas das maiores redes sociais digitais da época presente; como também os aspectos que operam como facilitadores e mantenedores dessa realidade.

5 ESTUDOS DE CASO

5.1 Redes sociais digitais

Desde sua origem e consolidação como rede mundial de computadores, a Internet assistiu ao surgimento de ferramentas, espaços e vínculos entre o crescente número de usuários. A troca de informações ganhou impulso tal, que acompanha estreita e ferozmente os acontecimentos quotidianos, dos mais aos menos caros à divulgação jornalística. Em paralelo, a concretização – e potencialização – de conexões e relações entre os internautas expandiram-se de maneira a criarem, no mundo virtual, o que hoje se entende por rede social – tramas progressivamente intrincadas e complexas, de onde pessoas se comunicam, trocam ideias, imagens, vídeos e impressões a respeito do que as cerca.

Mobilizações e redes sociais preexistem à era da Internet, sem dúvidas. Desde os primeiros grupamentos humanos em suas civilizações, já era possível notar movimentos fossem em defesa de causas específicas a cada contexto, fossem reuniões humanas subjugadas pela dominação tirana – como nos mostraram La Boétie e Freud.

Inegável, igualmente, que o aparecimento de redes sociais digitais trouxe consigo a ampliação desses grupamentos humanos, de maneira a torná-los mais visíveis, acessíveis e capazes de uma organização e comunicação – entre si e com o mundo – nunca antes observadas.

[...] os públicos em rede têm características relacionadas a este espaço e suas apropriações. Dentre as características do espaço, estão: 1) a permanência das interações, ou seja, o fato de que as interações tendem a ficar inscritas na rede e ali permanecerem; 2) a 'buscabilidade' dessas interações, que são recuperáveis; 3) a replicabilidade dessas interações que podem ser reproduzidas facilmente e; 4) a escalabilidade, ou seja, o potencial de alcance e multiplicação desses registros. Essas características nos mostram que há uma mudança no suporte da interação, que vai permitir que as conversações, antes mapeadas unicamente pela observação, tornem-se mais facilmente registradas. É aí que vemos a importante demarcação: Pela primeira vez, graças ao advento e à apropriação dos sites de rede social, os atores passam a registrar seus passos, suas conversas, suas interações e redes [...] (RECUERO, 2014, p. 4).

Foi a partir dessa nova configuração que, há alguns anos, nasceram sites como Instagram, Facebook, Twitter, Avaaz e inúmeros outros: suportes apropriados

de “[...] diferentes formas pelos grupos sociais e cujos efeitos são construídos pelo complexo universo de negociação de normas e formas de interação [...]” (RECUERO, 2014, p. 4). Representam os pontos de lançamento para a consolidação de redes sociais *inter-ativas* de relacionamento que formam grandes nós; dando conta de certa centralização dos usuários num “local” virtual, do qual partem suas ações (também virtuais) para todo o globo.

Como síntese, podemos afirmar que rede social é uma estrutura social composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais, designadas por atores, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais etc. Nessas relações, os atores sociais desencadeiam os movimentos e fluxos sociais, através dos quais partilham crenças, informação, poder, conhecimento, prestígio etc (FERREIRA, 2011, p. 213).

São duas redes, especificamente, que fornecem exemplo ao presente estudo – Facebook, Twitter. A rede Facebook foi lançada em fevereiro de 2004, por um grupo de estudantes da universidade de Harvard, inicialmente restrito à instituição e seus integrantes discentes. A criação se deu a partir da ideia de um website de relacionamento onde fosse possível aos colegas experimentar, online, a vida social entre eles. "Compartilhar fotos, dizer o que achou da última festa, convidar alguém para sair, ter um espaço virtual para interagir com os amigos, conhecer novas pessoas. Este era basicamente o Facebook¹¹." Posteriormente, o crescimento significativo do site fez com que ele se estendesse gradualmente a outras instituições de ensino; e o avanço culminou finalmente na abertura dos serviços a usuários comuns, bastando que tivessem mais de 13 anos de idade – resultando em uma expansão vertiginosa do acesso e cadastramento de usuários. É atualmente a rede social mais acessada da internet, liderando como principal rede social dos mercados de países como EUA, Canadá, UK, Brasil, França, Austrália, Nova Zelândia, Hong Kong e Cingapura¹². Em outubro de 2012, a rede alcançou a marca de um bilhão de usuários, segundo dados divulgados no site Folha de São Paulo¹³. Só os brasileiros somavam, em 30 de junho de 2013, 76 milhões de usuários ativos por mês.

¹¹ Disponível em: <http://www.queroanunciarnofacebook.com.br/historia-facebook.htm>. Acesso em 4 fev 2013.

¹² Disponível em: <http://consumidormoderno.uol.com.br/empresas/10-estatisticas-curiosas-sobre-o-facebook-no-mundo> Acesso em 4 fev 2013.

¹³ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>. Acesso em 4 fev 2013.

A rede social Twitter surgiu em julho de 2006. Seu conceito partiu da ideia da troca de mensagens rápidas e curtas pelos usuários, o que as limita ao uso de 140 caracteres por mensagem, como acontecia há alguns anos em aparelhos celulares (dispositivos esses que se adequam com facilidade à proposta do site). Embora de postura mais dinâmica e facilitadora no que diz respeito ao tempo em utilizá-lo, o Twitter oferece praticamente os mesmos suportes que o Facebook, é possível ver e compartilhar fotos e vídeos, além de conversar através dos *tweets* (como são chamadas as mensagens postadas pelos usuários). É também hoje uma das redes de maior acesso mundial, disponível em 35 idiomas. Em março de 2014, o site divulgou resultados das estatísticas de seu uso ao redor do mundo, entre os quais o número de mais de 241 milhões de usuários ativos mensais¹⁴.

5.2 Funcionamentos das redes – identificação e formação de grupos

5.2.1 Facebook

É uma das redes mais importantes no que diz respeito à forma como auxilia o relacionamento virtual entre pessoas, o que leva ao surgimento de variados grupos. Cada usuário possui uma página pessoal a ser preenchida com informações que concorde em fornecer, da ordem de gostos musicais, fílmicos, de literatura etc.

O sistema oferece ferramentas para a criação de páginas especiais – espécie de comunidades – sobre temas de interesses determinado pelos próprios usuários; eles também serão administradores (líderes) dessas páginas, o que lhes permite convidar outros membros a aderirem à causa, ou ainda impedir e excluir aqueles que não se adequem e/ou cujo comportamento não os garanta permanência naquele grupo. Necessário salientar que é garantida ao membro a opção de deixar o grupo quando desejar, além da opção de rejeitar convites para ingressar em outros. Ao criador é concedida, inclusive, a possibilidade de fazer daquele grupo público ou privado ao restante da rede. Nota-se que há grupos dos mais variados tamanhos - em número de participantes - e baseados em temas/causas das mais distintas. As pessoas reúnem-se em torno de lideranças exercidas por outra(s) pessoa(s), marcas comerciais e ideais políticos, ambientais etc., ou mesmo por gostos musicais, por

¹⁴ Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/03/twitter-faz-8-anos-microblog-revela-numeros-sobre-o-brasil-e-o-mundo.html>. Acesso em 30 mar. 2013.

exemplo. Todos os usuários podem iniciar grupos, e tem à disposição ferramentas presentes tanto dentro quanto fora da página dos grupos aos quais faz parte, os botões "Curtir", "Compartilhar" e a opção "Comentar". É por meio desses botões que uma pessoa pode demonstrar que gostou, está de acordo (ou não) com o que é publicado por outros membros; além de promover a divulgação de qualquer conteúdo que lhe aprovar, impulsionando o alcance e o "contágio" através da rede. É a partir dessas reações que a dinâmica do grupo se estabelece e se sustenta. Ao compartilhar algum conteúdo dentro do grupo, o usuário provoca a reação dos outros integrantes àquela publicação, expressando como se sentem, o que pensam.

5.2.2 Twitter

Difere da rede anterior pela praticidade e dinamismo no uso. Não há opção para a criação de um espaço virtual à parte para a formação de grupos. Os usuários comunicam-se livre e abertamente, tendo acesso às postagens uns dos outros de maneira pública – as exceções ficam por conta da possibilidade de envio de mensagens privadas, restritas àquela pessoa com quem se comunica; e a opção de deixar postagens visíveis somente para os que fizerem parte da lista de amigos. Todo usuário conta, em sua página pessoal, com um espaço em que é incentivado a produzir e publicar conteúdo – a frase "*Publique um novo Tweet*" aparece inserida em uma caixa de texto destinada para a escrita e envio de mensagens. A comunicação entre os usuários se dá por postagens chamadas de "tweet", limitadas ao uso de 140 caracteres – fator responsável pela agilidade e enorme número de publicações a cada minuto. As pessoas Interagem a partir de mensagens em que fazem menção específica a outras pessoas, e também por meio de respostas ou comentários sobre a publicação em que foram mencionados.

Também no uso de *Replies* [respostas] se pode observar a interação. Quando alguém publica uma determinada informação, observa-se que a mensagem também pode suscitar comentários e *replies*, levando um determinado ator a ser mais visível, ganhar mais popularidade e conversar publicamente com outros atores (RECUERO, 2010, p. 78, grifos do autor).

De modo semelhante ao oferecido no Facebook, os usuários do Twitter podem avaliar as publicações de outras pessoas clicando em um botão "Curtir", exibido logo abaixo dos conteúdos expressados por elas.

Há, contudo, um ponto de destaque no website. A formação de grupos pode ocorrer de duas maneiras: a) a primeira se expressa pelo botão "seguir". Ao acessar a página pessoal de uma integrante da rede, o usuário pode optar por acompanhar as postagens daquela pessoa, marca, ou instituição que passará a seguir e, ao fazer isso, passa a fazer parte dos outros seguidores que o perfil em questão possa possuir (o número de seguidores é exibido publicamente). b) os usuários podem registrar sobre qual assunto estão falando, ao fazerem uso de um caractere específico para esse fim (#), como por exemplo, "#futebol". Assuntos que estão sendo mais comentados figuram numa lista exibida para todos, atualizada constantemente pelo sistema do site, chamada de "Assuntos do Momento"; o caractere "#" (*hash*) tem a função de marcar – ou melhor, etiquetar – as publicações que dele fazem uso, e assim relacioná-las a um tópico. Ou seja, palavras e expressões precedidas deste símbolo são reunidas pelo sistema do Twitter, permitindo acompanhar todas as postagens que contenham o mesmo resultado da fórmula "# + *palavra/expressão*". A junção de *hash* e qualquer termo é popularmente conhecida pelo nome em inglês *hashtag*: na linguagem hipermidiática, um link que, quando clicado, redireciona o usuário para uma página como a da figura abaixo, que nos serve de exemplo: temos a tabela à esquerda, que exhibe os "Assuntos do Momento" na região de Belo Horizonte, Minas Gerais, dentre os quais a hashtag "#RodaViva" aparece como um dos temas sobre os quais os internautas estavam gerando conteúdo naquele período.

Figura 4 - "Assuntos do Momento" e o uso de hashtags acerca de um tema.



Fonte: Twitter, 2014.

Dessa forma, grupos indiretos podem se formar, sendo "integrantes" os usuários que estão publicando sobre o mesmo assunto naquele momento.

Além da opção de "curtir" a atualização dos perfis que escolhe seguir, o usuário também dispõe de outro botão, de nome "Retweetar". Essa opção permite reproduzir na íntegra o tweet de alguém, automaticamente creditado no ato da publicação; em outras palavras, "[...] o 'retweet' torna um determinado ator visível (e pode também auxiliar no alcance de uma maior popularidade) a alguém que ainda não o segue e, portanto, está mais distante de sua rede social [...]" (RECUERO, 2010, p. 78). Por consequência, o número de repasses permite medir o engajamento dos usuários, além de regular diretamente a amplitude do alcance da postagem original.

Ambos, Twitter e Facebook, evidenciam o caráter agregador que possuem. Disponibilizam aos internautas ferramentas para que se relacionem uns com outros em tempo muito próximo do real. Oferecem alternativas rápidas e descomplicadas para a interação entre pessoas.

A abertura de páginas ao redor e em função de uma grande marca, ideia ou pessoa é estimulada pelo site Facebook. Subsídios oferecidos aos usuários auxiliam

a reunião de membros, além de os colocarem em interação direta, por meio de botões que operam compartilhamento de conteúdo e exteriorização do sentimento/opinião acerca do que é publicado dentro do grupo. Ao trocar mensagens, a sensação de pertencimento ao grupo é sobremaneira reforçada. O Twitter dispõe, igualmente, de artifícios que agem a favor da formação de grupos: ao se colocarem como seguidores de algum perfil, os participantes assumem a posição de integrantes de um grupo que se forma em torno daquele perfil (seja ele de uma pessoa, de um órgão público, privado, etc.); além disso, de modo indireto, têm sua sensação de pertencimento fortalecida mesmo por estarem publicando sobre um mesmo tema e perceberem que ele figura entre os mais comentados do momento.

Está nas mãos dos participantes das redes em questão o poder de criar e aderir a grupos/comunidades; vivenciam a possibilidade de serem líderes e integrantes. Tanto na primeira quanto na segunda rede em questão, fica evidente que “[...] se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles [...]” (FREUD, 1921, p. 52). Participar de grupos insere o sujeito na massa, promove a certeza de que fazem parte de algo, são amados pelo líder e estão em relação de igualdade com os demais membros, os quais podem identificar-se entre si, sendo essa “[...] a situação que vemos realizada nos grupos capazes de subsistir [...]” (FREUD, 1921, p. 68). O próprio sujeito coloca-se “à disposição” dos líderes de *sua escolha*, sendo esse outro exemplo do instante em que a servidão voluntária e a psicanálise freudiana se tocam. A autoridade e a reputação desses atores virtuais, como nos diz Recuero (2010), fica por conta da visibilidade e popularidade que atingem a partir da abundância de conexões que consolidam dentro das redes – o que também faz crescer a confiança por parte dos seguidores.

5.3 A linguagem escrita no interior das redes

Característica distintiva do ser humano, pedra fundamental na edificação e consolidação de nossas civilizações, a linguagem escrita é talvez o maior avanço em direção à sistematização do pensamento, e à chance de ser transposto em variados suportes. A mente humana transformou-se radicalmente quando obteve, no

desenvolvimento da linguagem escrita, subsídios para dar forma ao que se passava na psique das pessoas. A humanidade tem sua evolução intimamente ligada aos passos evolutivos da escrita e de sua expansão para meios até mesmo nunca imaginados. E que, na contemporaneidade, exercem tamanha influência em nossas comunicações que as modificam de modo singular.

Computadores, tablets e smartphones (sobretudo) são atualmente as principais ferramentas de que dispomos para estarmos em contato uns com os outros. Mais ainda, são as portas de entrada para as redes sociais digitais. Nelas, assim como em toda a Internet, a comunicação é dinâmica a tal ponto de não ser possível ficar alheio a ela. Os internautas, ligados entre si, difundem mensagens em uma velocidade que quase pode tocar o real. A língua, por meio da escrita, sofre mudanças baseadas na criatividade e nas necessidades comunicativas da *web* – melhor dizendo, *hipermídia*.

[...] a hipermídia, encarada como um sistema ambiente, bem como a escrita que nela se processa, podem ser consideradas sistemas abertos e dinâmicos, não-lineares em função de sua complexidade, onde as relações entre seus elementos transformam-se com o tempo, e onde o todo é mais do que a simples soma das partes, já que resulta das constantes trocas, permutações e relações de mútua determinação entre elas, a exemplo da própria mente humana e da rede de conexões neurais de que ela se serve (JUNGK, 2011, p. 117).

Inserida nessa nova realidade de linguagem inaugurada pela hipermídia, a palavra escrita é o alvo e o núcleo de onde partem novas práticas de comunicação verbal. Explica-nos Jungk (2011) que a palavra situa-se ela entre a morfologia e a sintaxe, e corporifica-se em signos visíveis. Prossegue a autora a dizer-nos que a palavra é o próprio signo linguístico por excelência, ainda que composta de unidades ainda mais básicas. É tida como a menor unidade a sustentar-se sem apoio, na medida em que é, em outras palavras, “[...] uma unidade portadora de informação tanto sintática quanto semântica, ou seja, a palavra é uma unidade significativa e gramaticalmente autônoma [...]” (JUNGK, 2011, p. 52-53). Tal independência se refere ao fato de que a palavra não requer sua inserção no texto para ser considerada como tal, pois podemos fazer jus à sua individualidade (Jungk, 2011). Condição que a credencia a adquirir as variadas formas de grafia que exhibe, por exemplo, por toda a Internet.

Interessam-nos, especificamente, algumas das modificações provenientes tanto dos sites das redes em questão, como as resultantes da originalidade e inventividade e engenhosidade de seus participantes. Classificamos de um lado, como de responsabilidade dos sites, elementos relacionados ao funcionamento e ações pré-fixados. Do outro, no entanto, os clientes alcançam interferências notáveis no que se refere ao uso da língua escrita, mesmo dentro de uma estrutura de uso pré-fixada.

5.3.1 Alguns dos termos pré-determinados nos sites Facebook e Twitter

Em comum, Facebook e Twitter oferecem botões cuja função é a de reproduzir a publicação de um perfil/seguidor presente na lista de amigos e/ou interesses de cada internauta. São eles o botão “Compartilhar” e “Retweetar”, respectivamente. Ao clicar, o conteúdo da postagem passa a figurar inclusive na página do replicador. A partir do instante em que compartilha uma atualização qualquer, passa a ser em parte detentora daquele discurso, tornando-se referência momentânea para aqueles que a seguem e/ou tem o replicador como amigo.

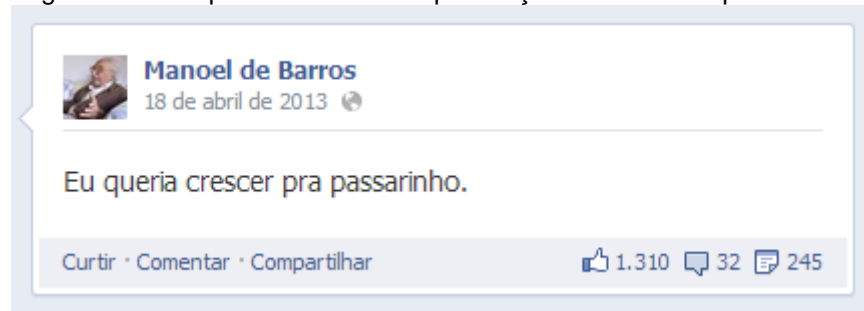
Como citamos nas descrições, os sites Facebook e Twitter também possuem a opção de “curtir” publicações; demonstrar, através do clique em um botão, sentimento condizente com o que foi postado. Contudo, reside nessa ação um fenômeno muito particular no que se refere à sensação de pertencimento e à afinidade em relação ao que um usuário compartilha na rede.

Evidentemente, o ato de curtir uma postagem demonstra, de saída, a concordância de uma pessoa com o que foi dito, sob forma escrita; um dos modos de expressão da conformidade de opinião ao conteúdo. Entretanto, atitude como essa revela-nos significados que ultrapassam o da palavra “Curtir”. Como bem nos lembram Saussure (2006) e Jakobson (1975), a linguagem se constrói deslizando sobre dois eixos, o paradigmático e o sintagmático. Atenhamo-nos ao eixo do paradigma.

Também chamado de metafórico, o eixo vertical responde pelos conjuntos de termos associados entre si, sob relações de similaridade, de substituição. Na oração “comprei/ um/ computador/ novo/”, os signos poderiam ser trocados por escolhas

outras como “encontrei/ aquela/ caixa/ de madeira”. Inserido nas propostas atuais dos sites, o signo “Curtir” reúne perto de si conjuntos de signos afins – porém, ao mesmo, tempo atrai e acumula outros signos, de significados menos próximos ao do termo inicial. Considerando-o como um elemento do paradigma, encontramos vias de supor, rapidamente, as associações que suscita. Vejamos isso a partir de dois exemplos, a seguir:

Figura 5 - Exemplo de curtidas em publicação de conteúdo positivo.



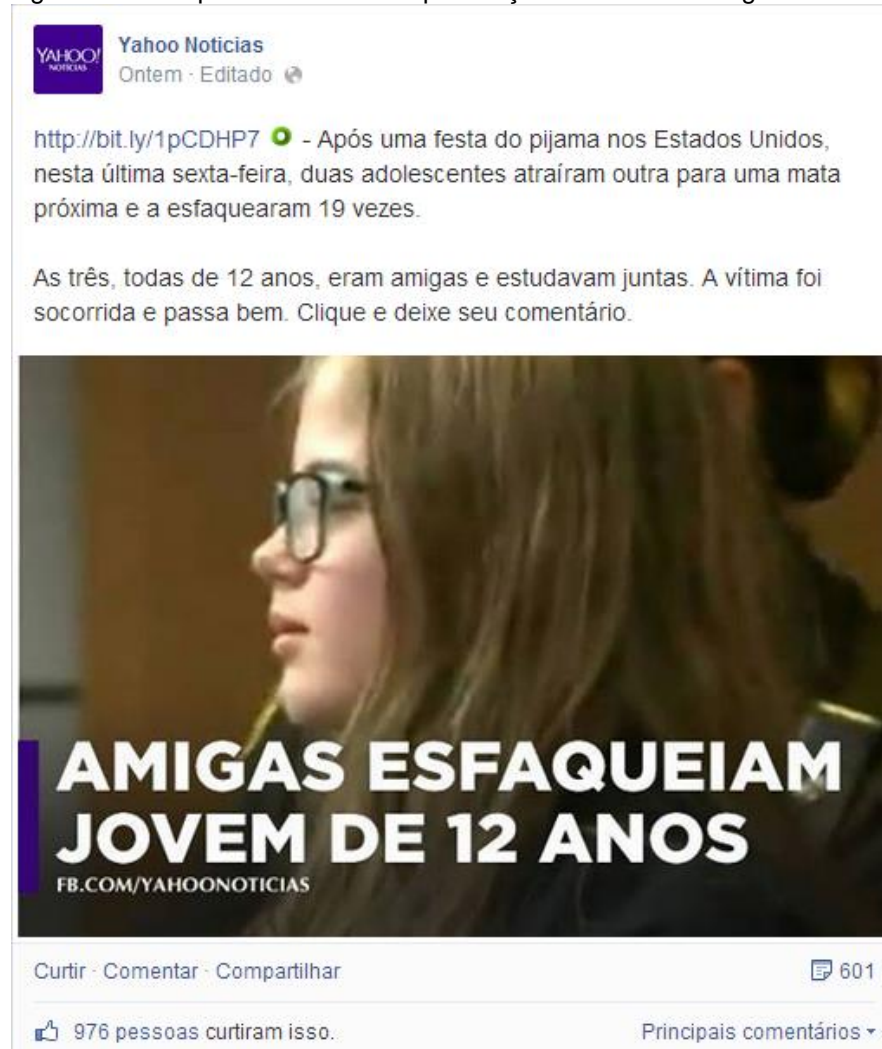
Fonte: Facebook, 2014.

Na figura acima, verifica-se a postagem do usuário “Manoel de Barros” no site Facebook, onde a mensagem traz o trecho de um dos poemas do autor. Logo abaixo se localiza o botão “Curtir”, e mais à direita o número de pessoas que, até aquele momento, haviam clicado nele. A publicação havia atingido a aceitação de 1.310 pessoas. Há de se notar que, nesse caso, o conteúdo da atualização não possuía cunho negativo, depreciativo ou que até mesmo despertasse sentimentos de tristeza etc. Portanto, presume-se que as “curtidas” foram baseadas na aprovação de quem clicou no botão.

Destarte, o exemplo nos leva a imaginar, em um primeiro momento, os possíveis signos que giram em torno de “Curtir”, como: *gostei, concordo, legal, bom, ótimo* etc. No âmbito do eixo paradigmático, temos a demonstração dos termos alternativos ao fixado pelo site. Embora disponível uma só palavra, uma variedade de signos verbais interligados apresenta-se ao pensamento, para enfim ligarem-se à significação que o botão propõe e promoverem o clique. Caso semelhante acontece no Twitter, as publicações também exibem o botão “Curtir” como sinal positivo ao material exposto. Em casos de mensagens a favor de causas, opiniões, campanhas etc., aproximam-se termos que conotem apoio e adesão.

Contudo, um segundo modelo, também do Facebook, proporciona-nos um olhar diferente sobre o paradigma. Vejamos:

Figura 6 - Exemplo de curtidas em publicação de conteúdo negativo.



Fonte: Facebook, 2014.

A postagem acima foi noticiada pelo perfil “Yahoo! Notícias”, e traz um conteúdo claramente negativo, ofensivo aos olhos e aos modelos perpetrados na sociedade em que vivemos: um crime de apelo social e psicológico de grande intensidade. Além do que noticia o título, o que nos chama à atenção é o número de pessoas que “curtiram” a publicação até aquele momento, ao todo 976. Uma vez que suspeitamos ser um número expressivo para designar apoiadores, apreciadores de um crime, surge uma reflexão: quais conjuntos de signos se oferecem como alternativas associativas (metáfora) ao sentido do botão em que clicaram.

Nesse caso, também não é necessário grande esforço para supormos os signos relacionados a “Curtir”, como: *não gostei, discordo, assustador, terrível, chocante, compadeço-me* etc. Mais uma vez, encontramos-nos diante de palavras que podem expressar sentido semelhante entre si, porém agora diferem do termo imposto pela página do site. A atração de signos obtém resultado diverso se comparado ao primeiro exemplo: no lugar de concordar com o crime, a forma de expressão de discordância limita-se a um termo obrigatório. Fica a cargo do próprio internauta ter em mente que implícitos estão os elementos do paradigma disponíveis e condizentes com a intenção comunicativa, ao utilizar o botão. Algo como o duplipensamento orwelliano. A melhor forma de que dispõe o usuário para expressar objetivamente sua opinião (sentimento), sobre o que tem diante de si, é por meio da caixa de texto “Comentário”, onde é possível escrever e enviar mensagens afixadas àquele conteúdo.

5.3.2 A língua transformada

Do lado oposto ao dos termos escolhidos na língua e pré-fixados para a interação, estudados acima, está um fenômeno muito ativo no que diz respeito à forma como se comunicam as pessoas no mundo virtual. Referimo-nos à funcionalidade da *hashtag*, que passou a ser disponível no Facebook há pouco tempo, porém é mais viva e facilmente constatada no Twitter. De acordo com o que vimos, as hashtags funcionam como etiquetas de conteúdo, reunindo e listando palavras e/ou expressões precedidas pelo símbolo “#”. Os “Assuntos do Momento” são o resultado das buscas e listagens ininterruptas do mecanismo do site. Exibem quais hashtags estão entre as mais utilizadas nas mensagens criadas pelos usuários. “[...] O texto tradicional foi absorvido por esse sistema de vínculos associativos não lineares entre diversos pontos do sistema, interligados por conexões conceituais, indicativas e visuais entre os mais diversos tipos de conteúdo” (JUNGK, 2011, p. 120).

A escrita na hipermídia tem seus limites postos à prova a todo momento, e o processo de modificação pelo qual passa no ambiente do Twitter revelam a capacidade adaptativa dos que lá produzem informações. Ao lado de uma prática estenográfica capaz de agilizar, e de minimizar o uso de caracteres (limitados a 140

por mensagem), está outra atividade criativa e engenhosa: a fabricação de signos verbais totalmente novos, ao mesmo tempo curtos em sua duração. “A reconfiguração da palavra escrita na hipermídia é caracterizada, igualmente, pelas novas formas em que ela aparece grafada nos meios eletrônicos [...]” (JUNGK, 2011, p. 149).

Os artifícios encontrados pelos usuários vão além da abreviatura de palavras. Beneficiam-se de uma produção sígnica voltada inteiramente para as necessidades comunicativas de cada instante. Como é o caso da justaposição de palavras ou até mesmo de neologismos completos, desde que na forma de hashtags. Tratam-se de significantes que trazem, do outro lado de suas superfícies, significados nunca imaginados.

Assinalamos, dessa forma, alguns exemplos: a) #Clanessa e #Clarina. Referem-se a programas televisivos, respectivamente “Big Brother Brasil 14” e à novela “Em Família”. São os resultados das somas de nomes de duas pessoas, sendo no primeiro caso “Clara+Vanessa”, e, no segundo, “Clara+Marina”. Estimulados pelo que assistiram os telespectadores, os novos signos criados por eles tiveram origem em uma motivação muito semelhante. No reality show, duas participantes viveram um romance de grande aceitação pelo público. A novela destaca, entre os assuntos abordados, o envolvimento amoroso de duas mulheres, também alcançando sucesso entre a audiência. Assim, a saída encontrada pelo público espectador e ator no Twitter, de se expressarem acerca do tema, defendê-lo ou criticá-lo, mantê-lo em destaque foi a fabricação (provisória) de um signo exclusivo para estes fins. Existem também, tweets em que a criação de termos possui intenções recreativas, de divertimento, como em b), #TuiteFilmesComMetro, que faz menção a um filme em exibição na TV naquele momento, e estimula postagens com um tipo determinado de mensagem. Ainda, c) #vemprarua, que remetia, durante o mês de junho de 2013, a mobilizações de pessoas a protestarem a favor de causas defendidas pela população em revolta. E d) #NaoVaiTerCopa ou #naovaitercopa, disseminados por aqueles que se opunham à realização no Brasil da Copa do Mundo de Futebol, em 2014.

Novamente, a aplicação das relações de contiguidade e similaridade nos auxilia a analisar a nova maneira de utilizar a língua escrita no mundo virtual. Dessa

vez, o fenômeno sobre o qual nos debruçamos anteriormente revela uma ênfase criativa sobre o eixo sintagmático de produção da linguagem escrita. Ignorando, muitas vezes, regras e procedimentos para o surgimento de palavras, menos preocupada com os paradigmas mais adequados, a escrita se realiza com base na contiguidade dos elementos linguísticos de modo a resultarem em sentidos facilmente captados e diretamente compreendidos. A urgência comunicativa parece reger o movimento de justaposição de signos verbais, para atingir com maior agilidade e abrangência quantas pessoas for possível.

6 1984 & REDES SOCIAIS DIGITAIS: confluências

Vimos que os grupamentos humanos, surgidos dentro ou fora do ambiente virtual, são regidos por princípios comuns. O público das redes opta por fazer parte delas, em oposição ao que se observa na obra-prima de Orwell, onde a barreira sobre o mundo externo e a tirania parecem detentoras de um poder muito maior do que a opção deliberada de aceitar fazer parte de um grupo (toda a Oceânia, por exemplo) em que a realidade social é injusta, desumana e precária. La Boétie e Freud nos mostraram, todavia, como a constituição psíquica dos seres humanos trabalha na direção da integração dos indivíduos, compelidos a ingressarem e a arranjarem-se em grupamentos de tamanho e complexidade variáveis. Estão em jogo identificações, o surgimento e manutenção de laços libidinais entre os membros dos grupos.

[...]. Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais — as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. — podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade. Essas formações grupais estáveis e duradouras, com seus efeitos constantes e uniformes, são menos notáveis para um observador que os grupos rapidamente formados e transitórios [...]. E é exatamente nesses ruidosos grupos efêmeros, superpostos uns aos outros, por assim dizer, que encontramos o prodígio do desaparecimento completo, embora apenas temporário, exatamente daquilo que identificamos como aquisições individuais [...] (FREUD, 1921, p. 71).

Menos comuns e limitados na sociedade oceânica, os grupos efêmeros a que Freud faz menção, amiúde e com vigor emergem nas Redes. Dependem, em sites mais ágeis como o Twitter, do acompanhamento de informações e opiniões sobre fatos extraordinários, e/ou que remetam ao “tempo real”, aos temas em pauta, atualizados em intervalos sempre curtos. Os integrantes subordinam suas reações a líderes que encarnem seus ideais de ego. Estes últimos podem ceder lugar ao ideal do grupo, minimizando a individualidade dos membros. Quando isso não ocorre, ligam-se a eles por meio da identificação. Uma pesquisa realizada por Recuero (2010) com usuários do Twitter, nos proporciona um exemplo disso, da visão e posicionamento dos participantes, simultaneamente líderes e membros de grupos:

[...]. Por exemplo, em uma primeira questão, quando os respondentes foram solicitados a apontar qual seu principal uso do Twitter, 73% disseram que seu principal uso da ferramenta é 'publicar informações que você julga importantes e que poderão interessar seus seguidores', 65% afirmaram que usam a ferramenta para 'divulgar links interessantes', 40% para informar atualizações de seus sites e blogs, e 40% para 'conversar com amigos' (RECUERO, 2010, p. 75, grifos nossos).

As afinidades entre nossos dois grandes temas, entretanto, vão além. Em 1984, a experiência desesperada do Partido em obter controle sobre a realidade material e pensamento é tributária de estratégias como o duplipensamento e a mutabilidade do passado.

Em terceiro lugar, o modelo de dominação é atravessado pelo projeto da Novafala, uma nova língua nascida para atender estritamente aos desígnios da ideologia do Partido – fruto de adaptações sobrevividas do inglês comum à época. Composta de um número cada vez menor de signos verbais compilados em um dicionário exclusivo, busca restringir as fronteiras do pensamento humano, culminando na anulação de qualquer ideia discordante do que apregoava o governo do Grande Irmão. As operações linguísticas premeditavam um “[...] *deslocamento da relação entre o significado e o significante*” (SAUSSURE, 2006, p. 89, grifos do autor). Na esfera dos sentidos, o plano passa pela atribuição de novas acepções às novas palavras. Essa “ressignificação” ambicionada realiza-se por meio de anexação de conjuntos de sentidos (paradigmas), por assim dizer, aos signos nascentes.

Se traçado um paralelo entre o que ocorre em 1984 nas Redes Sociais Digitais em destaque, ele nos mostraria: na obra de Orwell, as modificações empreendidas na língua têm propósito e esforço explícitos e inegáveis - realizando-se sob a forma das operações de composição e derivação. Para além desses mecanismos apontados por Santos (2011) na concretização da Novafala, o centro de modificação da palavra escrita nas Redes estudadas está não somente no plano morfológico, mas no âmbito do sentido atribuído, em cada situação de interação, a vocábulos pré-definidos, como é o caso de “Curtir”. Ao mesmo tempo, aplicam-se táticas desenvolvidas especialmente para a criação de signos jamais pensados, por sua utilidade em contextos específicos, de surgimento e duração muito breves, de largo uso no Twitter.

A compreensão da atividade dos dois artifícios pode ser aprimorada quando os inserimos na dinâmica das relações sintagmáticas e paradigmáticas, expandidas por Jakobson (1975) aos domínios da metonímia e da metáfora. Embora determinantes de toda manifestação de linguagem, os eixos jakobsonianos alternam-se, também, na proeminência com que emergem em circunstâncias diferentes. Em comum, assinalamos o maior foco nas relações associativas no interior da Novafala, e na palavra escolhida por Facebook e Twitter para demonstração de aprovação, adesão etc. A atividade no eixo sintagmático prepondera na comunicação interna das Redes, quando nos referimos ao uso de hashtags.

[...]. No comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, mas uma observação atenta mostra que, sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência (JAKOBSON, 1975, p. 56).

Por fim, semelhanças e diferenças também podem ser vistas sob a pauta da atualização incessante do passado praticada pelo Partido. Recolham-se todo tipo de documento que não corroborasse com o que divulgavam os noticiários exibidos nas teletelas. O protagonista Winston trabalhava voltado exatamente para a falsificação de dados, reportagens, e outros tipos de informação que demandassem “correção” – repetida quantas vezes fosse necessário, à medida que o presente se alterasse.

[...] na parede lateral, ao alcance das mãos de Winston, uma grande abertura retangular, protegida por uma grade de arame. Esta última destinava-se aos papéis a descartar. Aberturas similares se espalhavam aos milhares, ou dezenas de milhares, por todo o edifício, fazendo-se presentes não apenas em cada sala mas também, a pequenos intervalos, em todos os corredores. Por algum motivo, tinham recebido o apelido de buracos da memória. Quando a pessoa sabia que determinado documento precisava ser destruído, ou mesmo quando topava com algum pedaço qualquer de papel usado, levantava a automaticamente a tampa do buraco da memória mais próximo e o jogava ali dentro, e então o papel ia torvelinhando numa corrente de ar quente até cair numa das fornalhas descomunais que permaneciam ocultas nos recessos do edifício (ORWELL, 2009, p. 51-52).

Na realidade das Redes, ou melhor, da Internet tomada como sistema global de conexões, notamos a facilidade e destreza com que qualquer tipo de informação surge e percorre, sem grandes esforços, os dispositivos conectados a ela. Da mesma forma, dados e até mesmo “pessoas” podem desaparecer da tessitura da

web, serem “vaporizados”, como a maioria dos dissidentes de Oceânia. A diferença cabe, nesse caso, à liberdade de que dispõem a maioria dos internautas pelo mundo. Ainda que limitadas em alguns países, as Redes Sociais Digitais são ferramenta imprescindível no acompanhamento de acontecimentos locais e/ou mundiais; além de serem de grande auxílio na desmistificação de informações falaciosas disseminadas também virtualmente. E serem peças-chave para a organização de manifestações e expressão livre de opiniões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa buscou um olhar comparativo, que nos permitisse traçarmos aproximações e distanciamentos entre a obra de Orwell e duas das redes sociais digitais das mais utilizadas na contemporaneidade.

Muito antes de haver observações, teorias e discussões a respeito de grupos humanos – características de suas formações e a dinâmica que responde por seu funcionamento e continuidade – os seres humanos organizavam-se consoantes a um interesse comum. As pesquisas empreendidas por La Boétie (2004) e Freud (1921) a fim expandir a compreensão das formações grupais lançaram luz sobre o comportamento humano quando em conjunto, reunido com seus semelhantes. A servidão voluntária aponta para a intrínseca característica da condição humana no que diz respeito à vida em sociedade. A conceituação da identificação e do ideal do ego trazem à tona os mecanismos responsáveis pela estruturação dos indivíduos em grupamentos, o estabelecimento de laços libidinais primordiais entre os seres, e a frequente introjeção do objeto no ego.

Múltiplos estímulos percorrem rapidamente “os ares”, fomentando a criação de grupos fundados em quaisquer que sejam suas preocupações e necessidades. Dentro desse contexto inserem-se as Redes Sociais Digitais, detentoras de alternativas que impulsionam inequivocamente o relacionamento entre pessoas conectadas à Internet. Assumem a condição de grandes nós na rede mundial de computadores, cumprindo o papel de centros aglutinadores, pontos de encontro de indivíduos; de onde os mesmos têm o poder de expandirem suas relações e não só fazerem nascer grupos, mas ainda aderirem a vários outros. Em contraponto, a sociedade da qual fazem parte Winston e os cidadãos de Oceânia não oferece condições de escolha para a população. Circunscritos à realidade depositada nas mãos do Partido, os membros do grupo oceânico (abrangendo todo o superestado) têm seus ideais de ego moldados desde cedo para que se adequem ao formato do ideal do grupo, materializado no Grande Irmão. O controle do passado garante a infalibilidade do sistema, em que a tirania quase não chega a ser vista como prejudicial e danosa. Vigilância e imobilidade social não sofrem críticas, ao contrário, são justificadas pela doutrina do Partido – somadas ao todo do ideal do grupo oceânico.

[...]. Um grupo impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujo benefício se submeteu a tantas inibições. É-lhe claramente perigoso colocar-se em oposição a ele, e será mais seguro seguir o exemplo dos que o cercam, e talvez mesmo ‘caçar com a matilha’. Em obediência à nova autoridade, pode colocar sua antiga ‘consciência’ fora de ação e entregar-se à atração do prazer aumentado, que é certamente obtido com o afastamento das inibições. No todo, portanto, não é tão notável que vejamos um indivíduo num grupo fazendo ou aprovando coisas que teria evitado nas condições normais de vida [...] (FREUD, 1921 p. 47).

Sem almejarmos atingir a profundidade segura para caminhar no interior caótico da psique humana, o estudo apresentado nos permite dizer que o fato de grupos surgirem e desaparecerem rapidamente comprova a busca do ser humano (internauta ou não) por seu ideal do ego, que “abrange a soma de todas as limitações a que o ego deve aquiescer e, por essa razão, a revogação do ideal constituiria necessariamente um magnífico festival para o ego, que mais uma vez poderia então sentir-se satisfeito consigo próprio” (FREUD, 1921, p. 73). E é nesse sentido que aponta o texto de Salztrager (2011), em que defende a iniciativa do sujeito em integrar-se aos grupos dos quais faz parte. Conforme o autor, a vida contemporânea assiste a um enfraquecimento das instituições tradicionais que, quando “[...] eficazes, funcionam no sentido de oferecer determinados modelos identificatórios para os sujeitos [...]” (SALZTRAGER, 2011, p. 183). Em decorrência disso, passam eles a buscar, nos emergentes e sedutores fenômenos de massa, novos protótipos para a formação de laços sociais. Em outras palavras, “[...] as massas trazem valores ou modelos a serem resgatados, servindo de referências alternativas para certo reposicionamento no corpo social [...]” (SALZTRAGER, 2011, p. 184).

No âmbito da linguagem, vimos que a Novafala mostra-se intimamente ligada ao passado. A constante re-escritura dos fatos históricos é atravessada pelo filtro ideológico do novo idioma. Com a futura abolição da língua anterior, qualquer informação impregnada de alguma noção do passado estaria sufocada.

A história da humanidade está repleta de exemplos de governos totalitários que se instauraram no poder para garantir hegemonia de uma classe sobre as demais ou para que uma nova classe dominante insurgente tomasse o poder. Nesse processo, a língua e a linguagem sofrem interferência direta

advindas das novas configurações de poder e organização da sociedade (SANTOS, 2011, p. 83).

É exatamente nesses parâmetros que se insere o projeto linguístico do Partido, de criar e instaurar uma língua monossêmica, comprometida em cumprir a doutrina de um totalitarismo do qual Orwell parece nos alertar. Os ensinamentos de Saussure (2006) e Jakobson (1975) nos trouxeram algumas das perspectivas que pensam a linguagem em seu nascimento, funcionamento e evolução. Neste contexto, Santos (2011) apontou os processos linguísticos aos quais se subordinava a Novafala: significantes e significados sofriam alterações a partir de operações de composição e derivação. Eram elas responsáveis pela redução de vocábulos da língua e, conseqüentemente, das margens semânticas dos falantes. Residia aí o verdadeiro objetivo de uma língua nascida dentro do regime: obter controle sobre o pensamento dos indivíduos, e garantir a obliteração de qualquer ideia contrária ao modelo de governo vigente. O esforço incidia pesadamente sobre o eixo de seleção (substituição), limitando no código (na língua) os signos verbais disponíveis para serem combinados em sequência e formarem frases, parágrafos etc.

[...] Podemos afirmar que o processo de composição e de derivação prefixal, reduzem, de fato, as latitudes de expressão da língua, contudo, a língua, por ser dinâmica e estar atrelada a um sujeito que a enuncia, possui mecanismos que acabam compensando a perda advinda desse processo e impedindo a sua total redução a apenas um sentido (SANTOS, 2011, p. 167).

Nossa atenção deve se debruçar sobre o fato de que “[...] é pela língua que os valores humanos socialmente constituídos se materializam, circulam, se encontram e entram em disputa” (SANTOS, 2011, p. 84). Por estar intrinsecamente ligada ao sujeito falante, a linguagem é produto das ações humanas no tempo e espaço determinados pela realidade em que elas se inserem. Saussure (2006), no entanto, dirige-nos a uma marcante característica da língua, mais especificamente, do signo: seu status ambivalente de mutação. Dito de outro modo, o autor pondera que a arbitrariedade do signo e os fatores históricos de sua alteração são, ao mesmo tempo, responsáveis por sua liberdade e pelas sólidas conexões à tradição. A transmissão histórica assegura a imutabilidade, uma língua é sempre considerada como herança de épocas antecedentes. Por desconhecerem as leis da língua, os falantes estariam isentos da crítica, satisfazendo-se com a língua que receberam.

O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas - esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais ele foi comprovado. A ideia e que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo (SAUSSURE, 2006, p. 85-86).

Por outro lado o tempo, mesmo aliado da fixidez do signo, confere a ele seu caráter de continuidade. Por ser contínuo, o signo ganha novos contornos ao longo do tempo. Permanece o substrato antigo, confrontado com os fatores históricos que o modificam a cada minuto, sem que a língua possa oferecer resistência. Nossa reflexão nos conduz a constatar a inviabilidade da real implantação de uma língua como a Novafala, detentora de total poder sobre os próprios signos; capaz de controlar o funcionamento dos sentidos por ela autorizados.

O próprio conceito de criação de uma linguagem se constitui como um paradoxo, pois dessa forma Orwell parece negar o caráter vivo da mesma, ou seja, que a cada momento diferentes pessoas têm diferentes pensamentos, emoções e opiniões e estão constantemente utilizando novas palavras para expressá-los. Da mesma forma, mesmo que se considere a invenção de uma nova linguagem como um processo possível, é surpreendente que em 1984 isso aconteça não através da inserção ou total construção de vocábulos ou regras gramaticais, mas sim através de sua extinção (GOMES, 2003).

Neste ponto, nos deparamos com a aproximação entre o novo idioma de Oceânia e a apropriação de um signo verbal por parte das Redes em questão. No caso de expressões de sentimentos negativos, a concentração de sentidos num só termo, o “Curtir”, assemelha-se ao projeto do Partido de Oceânia – no que se refere à tentativa de fazer com que um termo equivalha a uma variedade de outros¹⁵. O uso limitado a uma palavra para expressões antagônicas demonstra-se inconsistente e precário. Esta condição provavelmente explica a posterior implementação da ferramenta “se sentindo”, em que o usuário pode imprimir uma “emoção” específica à sua publicação, como tristeza, empolgação, desconfiança, através de expressões previamente escritas. O que, contudo, não exclui o fato de aqueles usuários que curtirem uma publicação “emotiva”, não estejam *ainda* sob o risco de expressarem emoções muito provavelmente incongruentes em relação ao que propõe o botão “Curtir”. Ainda que este signo transporte e comporte variados

¹⁵ No caso da Novafala, porém, os termos e ideias seriam pré-determinados.

significados, que dependerão do contexto da postagem, em parte é prejudicada a interação entre o membros das redes.

A despeito da insuficiência indicada acima, o atravessamento promovido pela linguagem no interior do Twitter e Facebook oferece um contraponto. Onde malogra o projeto orwelliano a comunicação virtual emerge munida de liberdade criativa e incomum potencial adaptativo.

Existe pois, na combinação de unidades linguísticas, uma escala ascendente de liberdade. Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal da criação de palavras. Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coação. E, finalmente, na combinação de frases em enunciados, cessa a ação das regras coercivas da sintaxe e a liberdade de qual quer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente [...] (JAKOBSON, 1975, p. 39).

A proposição de Jakobson (1975) projeta mais clareza sobre o equívoco do Partido de 1984, além de enriquecer a compreensão das manifestações da linguagem escrita no ambiente virtual, tema de nosso estudo. O avanço exponencial da tecnologia atual confere às Redes maior poder de acompanhar o real praticamente *in loco*, gerando informações atualizadas tão logo os acontecimentos se apresentem. Bem como funciona a imprensa em geral, desloca-se o foco da preocupação em garantir um passado adequado, mas em produzir conhecimento sobre o *presente*. Os dados não são gerados exclusivamente por quem está no poder, além de estarem ao alcance quando da necessidade de confrontar informações. Paralelamente, a profusão de novos significantes e significados, compartilhados através das Redes, efetiva a liberdade e atividade humana transformadora que incide sobre linguagem (escrita).

Esse universo eletrônico-digital é um universo substancialmente de escritura, tanto no sentido do que nele escrevemos como no sentido do código escrito que lhe é subjacente. Essas formas da textualidade eletrônica são multimidiáticas, semioticamente híbridas, pois exploram as potencialidades que se abrem para a escrita, sua performatividade, fazendo dela uma atividade semiótica que usa as várias espécies de mídia que nela se manifestam (JUNGK, 2011, p. 125).

A hipermídia é novo local da escrita, auxiliada pelos suportes digitais cada vez mais portáteis. Diante da pretensão dos integrantes do Partido orwelliano, Saussure

(2006) contrapõe o fato de que quem "[...] cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle [...]" (SAUSSURE, 2006, p. 91). Vocábulo e expressões inéditas são fabricados na proporção em que os usuários sentem a necessidade de se fazerem entender. Mais ainda, as permanentes operações sintagmáticas e paradigmáticas evidenciam características inseparáveis do sujeito:

[...]. Manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contiguidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico) — por seleção, combinação e hierarquização —, um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais (JAKOBSON, 1975, p. 56).

A linguagem é condição de existência do sujeito, seu abrigo. Por meio do uso criativo e característico que dela fazem os usuários dos sites estudados, nos foi possível observar e sublinhar a busca de um sem número de sujeitos por lideranças corporificadas seja em celebridades, marcas comerciais de inúmeros produtos; causas em defesa de alguma opinião ou benefícios por vezes exclusivos a uma fatia da Rede. Dito de outro modo, a procura por significantes que os levem a identificações com outros internautas, condizentes com seus ideais de ego. Manejando a língua – por meio das *hashtags*, por exemplo –, trazem à tona mais do que uma inovação linguística, mas a necessidade de se fazerem entender e, assim, aumentarem as chances ingressarem em grupos, sentirem-se pertencentes. A empreitada de um idioma subordinado aos preceitos do Partido fracassa por parecer desconsiderar que

[...] a linguagem é inerente e constitutiva do ser humano, e se a linguagem é multifacetada e atravessada por diversas vozes provenientes dos discursos sociais, a única maneira de destruir esse caráter plurivocal da língua/linguagem para construir uma língua completamente monossêmica, seria destruindo próprio o humano [...] (SANTOS, 2011, p. 188-189).

Inúmeros são os sintomas decorrentes da configuração contemporânea da vida em sociedade e seus (sub) grupos. A investigação promovida em nosso estudo compartilha da preocupação em não somente teorizar a respeito dos fenômenos que permeiam a vida cada vez mais digitalizada. A análise pretendeu prestar contribuições a diferentes estudos baseados e interessados no entendimento dos novos parâmetros do relacionamento online. Como um estudo de caso que

demonstre, com maior profundidade, a reunião de pessoas em torno de uma grande marca, ideia ou pessoa no mundo digital. Ou, ainda, um olhar analítico sobre o site “Instagram”, onde a linguagem visual é também atravessada pelas relações sintagmáticas e paradigmáticas, aplicadas às publicações dos usuários, constituídas tão-somente de imagens e fotos – cujo conteúdo corresponde, em grande parte, à vida pessoal do usuário. Pois, como nos explica Jakobson, “a predominância alternativa de um desses dois processos não é de modo algum exclusivo da arte verbal. A mesma oscilação aparece em outros sistemas de signos que não a linguagem [...]” (JAKOBSON, 19875, p. 57).

REFERÊNCIAS

CARLOS, Euzeneia. **Contribuições da Análise de Redes Sociais às Teorias de Movimentos Sociais**, *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba: v.19, n.39, pp.153-166, jun 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v19n39/a11v19n39.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

CULLER, Jonathan. **As ideias de Saussure**. Tradução: Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FERREIRA, Gonçalo Costa. **Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [sem cidade]: v.16, n.3, pp.208-231, jul/set 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/13.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. 18. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1921. Disponível em: <<http://www.downloadcult.com/2011/10/05/obra-completa-de-sigmund-freud/>> Acesso em 30/04/2013.

GOMES, Anderson Soares. **Linguagem e História: a manipulação do passado através da palavra em 1984 de George Orwell**. *CNLF*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 10, ago 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-10.html>>. Acesso em: 07 mai. 2014.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

JUNGK, Isabel Victoria Galleguillos. **A Semiose da escrita e sua reconfiguração na hipermídia: uma análise semiótico-sistêmica**. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12827. Acesso em 20 jun. 2013.

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. [S.l.], 2004. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/boetie.pdf>. Acesso em: 27 out. 2013.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Disponível em: http://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/559557/mod_resource/content/1/Gustave%20Le%20Bon%20-%20Psicologia%20das%20multid%C3%B5es.pdf. Acesso em: 04 set. 2012.

NASIO, J. –D. **Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PLON; Michel; Elisabeth ROUDINESCO. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

[Versão preprint.] RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma**. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, vol. 16, n.1, 2014. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/fronteirasrecuero2014.pdf>>. Acesso em: 13 dez. /2013.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. “**RT, por favor**”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, vol. 12, n. 2, pp. 69-81, mai/ago 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/4668>>. Acesso em 20 jan. 2014.

SALZTRAGER, Ricardo. **Os fenômenos de massa e a servidão voluntária: um possível diálogo entre Freud e La Boétie**. **Revista Digital AdVerbum**, Campinas, vol.6, n. 2, pp. 177-185, ago a dez 2011. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbium/vol6_2/06_02_06servidaovoluntaria.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

SANTOS, Rodrigo Fernando Assis dos. **O conceito de língua/linguagem em 1984 de Orwell**. 2011. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13773. Acesso em: 30 ago.. 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.